

UNIVERSIDADE FEDERAL DO MARANHÃO
CENTRO DE CIÊNCIAS HUMANAS
DEPARTAMENTO DE ARTES
CURSO DE MÚSICA LICENCIATURA

JOSÉ FLÁVIO FERREIRA PINHEIRO

**PRÁTICAS MUSICAIS E CULTURA POPULAR: O APRENDER MUSICAL DAS
CAIXEIRAS DO DIVINO DE ALCÂNTARA - MA**

São Luís - MA

2017

JOSÉ FLÁVIO FERREIRA PINHEIRO

**PRÁTICAS MUSICAIS E CULTURA POPULAR: O APRENDER MUSICAL DAS
CAIXEIRAS DO DIVINO DE ALCÂNTARA - MA**

Monografia apresentada ao Curso de Licenciatura
em Música da Universidade Federal do Maranhão
para obtenção do grau de Licenciatura em Música.

Orientador: Prof. Dr. Antônio Francisco de Sales
Padilha

São Luís - MA

2017

Pinheiro, José Flávio Ferreira

Práticas musicais e cultura popular: O aprender musical das Caixeiros do Divino de Alcântara – MA. José Flávio Ferreira Pinheiro. – São Luís, 2017. 85f.

Orientador: Professor Doutor Antônio Francisco de Sales Padilha

Monografia (Graduação) – Universidade Federal do Maranhão, Curso de Música Licenciatura, 2017.

1. Divino Espírito Santo 2. Alcântara 3. Práticas musicais e Cultura Popular 4. Caixeiros.

JOSÉ FLÁVIO FERREIRA PINHEIRO

**PRÁTICAS MUSICAIS E CULTURA POPULAR: O APRENDER MUSICAL DAS
CAIXEIRAS DO DIVINO DE ALCÂNTARA - MA**

Monografia apresentada ao Curso de Licenciatura
em Música da Universidade Federal do Maranhão
para obtenção do grau de Licenciatura em Música.

Orientador: Prof. Dr. Antônio Francisco de Sales
Padilha

Aprovada em: / /

BANCA EXAMINADORA

Prof. Dr. Antônio Francisco Sales Padilha (Orientador)
Universidade Federal do Maranhão

Prof.^a Dra. Brasilena Gottschall Pinto Trindade (Examinadora)
Universidade Federal do Maranhão

Prof.^a Dra. Maria Verônica Pascucci (Examinadora)
Universidade Federal do Maranhão

AGRADECIMENTOS

Meus agradecimentos iniciais são direcionados a Deus, pois, sem ele nada disto teria acontecido. A vida só é possível quando Deus permite que ela venha ao mundo.

Aos meus pais, sem eles também não seria possível vir ao mundo. O incentivo que sempre me impulsiona a chegar onde quero.

À minha esposa que me ajudou a normatizar este trabalho e aos meus filhos, que sempre demonstraram paciência e resignação de aguardar por mim, enquanto eu cumpria minhas obrigações discentes distante deles.

A todos os meus professores, que direta ou indiretamente contribuíram para este momento que se reveste em único em minha vida.

Ao jornalista Cláudio Farias, pelo apoio com as filmagens.

Ao prof. Paulo Fernando pela cessão dos filmes e fotografias do festejo do Divino Espírito Santo de Alcântara e pelo constante apoio e incentivo.

Ao amigo Bruno Wellington de Carvalho, pelo constante apoio e incentivo.

Ao amigo de curso Norlan Aragão Lima, que sempre me incentivou no decorrer e mesmo depois do curso, para que eu não desistisse nunca dos meus sonhos, e chegasse até aqui.

À amiga Karina Waleska Scanavino, que de forma muito significativa contribuiu para que eu tivesse êxito.

Às Caixeiras: Marlene Silva (Malá), Ana Benedita Ferreira (Anica) e Dona Irene do Itamatatua, pelas informações precisas.

Ao senhor Antônio do Livramento Boás Tavares, conhecido como Antônio de Color, artesão e fazedor das caixas do Divino em Alcântara – MA.

Em especial, ao meu orientador Professor Doutor Antônio Francisco de Sales Padilha, que, como orientador, conduziu de forma brilhante o meu trabalho, inclusive me ensinando ainda mais com seus sermões (duras críticas) exigindo de mim que desse o meu melhor.

A todas as pessoas que direta ou indiretamente contribuíram para a realização deste trabalho. Meu muito obrigado!

RESUMO

Este trabalho se inscreve no campo da pesquisa bibliográfica e no trabalho de campo (etnomusicologia) e teve como objetivo estudar a Festa do Divino Espírito Santo que acontece no município de Alcântara – Maranhão e identificar como ocorre o ensino dos toques de caixa executados pelas Caixeiras durante a *performance* exibida na festa.

Palavras-chave: Divino Espírito Santo, Alcântara, práticas musicais e cultura popular, Caixeiras.

ABSTRACT

This work is inscribed in bibliographic field of research and field work (ethnomusicology) and aimed to study the Party of the Divino Espírito Santo that takes place in the county of Alcântara - Maranhão and it search to identify how the practice of player the percussion musical instrument (caixa) that the woman performs in the party has been taught.

Keywords: Divine Holy Spirit, Alcântara, musical practices and popular culture. Caixeiras.

LISTA DE ILUSTRAÇÕES

Imagem 1. Mapa de Alcântara e São Luís. Fonte Google Maps.	14
Foto 1 - Praça São Matias (conhecida popularmente como Praça da Matriz)....	17
Fonte: José Flávio Ferreira Pinheiro	17
Fotos 2 - Praça São Matias (conhecida popularmente como Praça da Matriz)..	18
Fonte: José Flávio Ferreira Pinheiro	18
Foto 3 - Igreja de São Matias (conhecida como Igreja da Matriz)	18
Fonte: José Flávio Ferreira Pinheiro	18
Foto 4 - O Imperador do Divino.....	22
Fonte: Paulo Fernando	22
Foto 5 - O Andor do Divino.....	24
Fonte: Paulo Fernando	24
Foto 6 - Mordomos do Império.....	27
Fonte: Paulo Fernando	27
Foto – 7 Caixeiros durante o festejo.....	38
Fonte: Paulo Fernando	38
Foto – 8 Caixeira nova “Ingrithy”, discípulo de Marlene.	39
Fonte: José Flávio Ferreira Pinheiro	39
Foto – 9 As Caixeiros em oficina na praça da matriz.	46
Fonte: José Flávio Ferreira Pinheiro	46
Foto - 10 As Caixeiros em procissão pela cidade no domingo de pentecostes.	51
Foto: Paulo Fernando	51
Foto - 11 As Caixeiros tocando em uma das casas de festa na quinta feira da Ascensão, quando as mesmas vestem-se de branco.....	52
Fonte: Paulo Fernando.	52
Foto - 12 As Caixeiros em procissão após a missa na Igreja do Carmo	52
Fonte: Paulo Fernando	52
Figura 2 – Música não sai sem me benzer.	65
Fonte: Domínio público	65
Foto 13 - Instrumentos de sopro usados na festa do divino em Alcântara	69
Fonte: José Flávio Ferreira Pinheiro	69
Foto 14 - Músico tocando o instrumento “Trombone de Vara”	69
Fonte: José Flávio Ferreira Pinheiro	69

Foto 15 - Músicos reunidos na casa de festa	70
Fonte: José Flávio Ferreira Pinheiro	70
Figura 9 - Tocadoras de caixa da festa do Divino de Alcântara: execução observada	71
Foto 16 – As caixas do Divino.....	71
Fonte: José Flávio Ferreira Pinheiro	71
Foto - 17 caixas do Divino	72
Fonte: José Flávio Ferreira Pinheiro	72
Foto – 18 caixas dispostas em casa de festa	72
Fonte: José Flávio Ferreira Pinheiro	72
Fotos 19 – Caixas antes do processo de fabricação	74
Fonte: José Flávio Ferreira Pinheiro	74
Fotos 20 – Processo de fabricação das caixas do Divino	74
Fonte: José Flávio Ferreira Pinheiro	74
Foto – 21 caixas em casa de festa	75
Fonte: José Flávio Ferreira Pinheiro	75

SUMÁRIO

O DIVINO COMO EU VI.....	10
1 BREVE HISTÓRICO DA CIDADE DE ALCÂNTARA	14
2 A FESTA DO DIVINO: Mito de Origem	19
3 A FESTA DO DIVINO EM ALCÂNTARA.....	25
3.1 A festa do Divino na tradição oral, segundo moradores e organizadores: conceitos e definições	28
3.2 A configuração da festa.....	31
3.3 Os festeiros	34
4 AS CAIXEIRAS EM SEUS DEPOIMENTOS	36
4.1 Marlene Silva.....	36
4.2 Anica	40
4.3 D. Irene de Jesus	40
5 AS CAIXEIRAS E O PROCESSO DE APRENDIZAGEM.....	42
5.1 O aprendizado pela oralidade	45
5.2 O canto.....	48
5.3 O processo de imitação.....	50
6 MÚSICAS DO DIVINO ESPECÍFICAS PARA CADA OCASIÃO EM PARTITURA	59
6.1 Só um Deus.....	59
6.2 Toca caixa minhas Caixeiras.....	61
6.3 Ê papai Miranda	62
6.4 Vamos salvar os brasileiros.....	64
6.5 Não saio sem me benzer.....	65
7 ETNOGRAFIA DOS INSTRUMENTOS	66
7.1 Instrumentos de sopro usados por músicos na festa do Divino em Alcântara	68
7.2 A Caixa do Divino	70
7.3 Caixas em seu processo de fabricação.....	74
8 CONSIDERAÇÕES FINAIS	76
REFERÊNCIAS.....	78
APÊNDICE A - AS CAIXEIRAS EM DESCANSO DEPOIS DAS ATIVIDADES EM UM ENCONTRO NA FESTA DO DIVINO EM ALCÂNTARA – MA	81

O DIVINO COMO EU VI

Lembro-me, quando criança, provavelmente com 7 (sete) anos de idade, que a festa do Divino Espírito Santo revestia-se em um evento no qual participavam ativamente, aproximadamente, 70% da população alcantareense. Recordo-me bem da participação de inúmeras crianças nas procissões, quando eram orientados pelos festeiros de como deveriam carregar os balões. A orientação que tínhamos era no sentido de carregá-los com cuidado para que não sofressem avarias durante o percurso, pois se isso acontecesse, nós seríamos punidos e não iríamos receber o chocolate e os doces que seriam servidos após a procissão. Esse era o momento da festa que mais interessava à criançada pobre de Alcântara, portanto, trazíamos os balões com um zelo excessivo, como se estivéssemos carregando um recém-nascido, pois, ficar fora da distribuição de chocolate servido juntamente com os mais variados doces, era um castigo que ninguém queria receber.

Após a procissão, todos se dirigiam para a casa da festa onde seriam servidas as iguarias. A primeira mesa era posta para servir aos Mordomos¹, autoridades civis, militares e eclesiásticas. A segunda mesa era destinada às Caixeiras. Somente depois que as autoridades e as Caixeiras fossem servidas é que as crianças e os acompanhantes do festejo poderiam se contentar com os doces e o chocolate. Uma coisa que me chamava à atenção era as sacolas que os habitantes da zona rural traziam consigo. Eles não só comiam e bebiam como as abarrotavam de doces para levarem para suas casas. Eu e alguns amigos, apesar de não morarmos na zona rural, imitávamos os seus habitantes e levávamos também doces para nossas casas, pois isso nos parecia ser um comportamento natural durante a festa, além de garantir um bom café da manhã no dia seguinte. Somente mais tarde, ao fazer esta pesquisa, eu compreendi que um dos objetivos da Festa era distribuir comida aos menos favorecidos. Apesar de não ser tão menos favorecido assim, acabei por ser beneficiado por essa ação.

¹ Os representantes das festas, que se vestem com roupas enriquecidas de detalhes que lembram o período do Império Português.

Os cortejos percorriam as principais ruas da cidade, visitando os Mordomos, principalmente o Imperador ou a Imperatriz², assim denominados por ocuparem os postos destacados na festa, acompanhados dos Mordomos Régios e Mordomos Baixos [denominação dada aos festeiros protagonistas]. Cada festeiro angariava recursos suficientes para poder dispor de uma mínima estrutura para realizar a sua festa. Era necessário ter um grupo musical composto de 4 a 5 músicos, normalmente vindos de “São Luís - MA”, 3 ou mais Caixeiras³, responsáveis pela parte musical do cortejo e dos diversos rituais que ocorrem durante todo os dias do festejo, consideradas pela comunidade como as mais importantes protagonistas dessa manifestação cultural da nossa cidade, alimentos que eram servidos todos os dias além da ornamentação da casa da festa. Cada festeiro apresentava o Mordomo, geralmente, uma criança. Durante todo o ano, a família a qual o Mordomo pertencia, angariava recursos para fazer face às despesas com a confecção das indumentárias que ele vestia e que deveria ser exuberante.

O envolvimento da maior parte dos cidadãos se dá através da ajuda voluntária que eles prestam aos festeiros em forma de preparação de comidas regionais, doces, licores, que, normalmente, são distribuídos à população durante as performances do cortejo nos locais onde se realizam as festas. A coordenação da festa é feita pelo Imperador ou Imperatriz, já que estes detêm um posto mais elevado na hierarquia estabelecida por uma comissão organizadora. Essa comissão é composta por pessoas de condutas ilibadas e reconhecidas como conhecedoras do mito e são, portanto, as guardiãs da festa. No último domingo do festejo, após a realização da missa que ainda hoje ocorre na Igreja de Nossa Senhora do Carmo, sítio onde são realizadas as novenas, é anunciado os nomes dos festeiros do ano seguinte que serão os responsáveis pela manutenção da tradição do festejo do Divino Espírito Santo na cidade de Alcântara.

Percebo hoje que a população naquele tempo era muito mais voltada ao festejo. É importante salientar que não tínhamos muitas religiões ou seitas na cidade, a não ser a religião católica, com suas igrejas, seus padres e freiras que envolviam a maioria da população do município, e uma edificação onde funcionava a

² Denominação dada ao principal festeiro de cada ano, em uma clara referência ao Imperador e a Imperatriz que participaram ativamente da primeira procissão em homenagem ao Divido Espírito Santo.

³ Caixeira é a denominação dada principalmente às mulheres que tocam a caixa, um instrumento percussivo manufaturado para ser tocado na festa.

Igreja “Assembleia de Deus”, que já estava instalada na cidade, mas com poucos membros a congregarem-se em torno dela. Assim, o número de pessoas que assumiam a responsabilidade de fazer a festa naquele tempo, chegava a 12, fazendo com que o festejo tivesse um brilho sem igual. As casas das festas eram decoradas com Banseirinhas, criando assim um ar festivo tanto para quem residia na cidade, quanto para os visitantes. Durante todas as noites, enquanto durasse a festa, visitávamos os festeiros. A visita do Imperador, que se constituía a última, por ser a mais importante, ocorria, às vezes, já no romper do dia, até porque o Imperador tinha que visitar todos os outros festeiros, que ao receberem tão ilustre visita ofereciam doces, cervejas, licores, refrigerantes e outras iguarias.

Tudo que era distribuído era adquirido pelos festeiros que saíam nas ruas da cidade angariando prendas (esmolas), costume que faz parte da cultura da festa há pelo menos uns 3 (três) séculos. Anos atrás, as Caixeiras deslocavam-se para a zona rural e passavam meses percorrendo povoado a povoado, solicitando ajuda para o festejo do “Divino Espírito Santo”. Como as comunidades nesse tempo eram constituídas em sua maioria por pessoas que professavam a fé católica, doavam boas prendas, principalmente os comerciantes que não mediam esforços para ajudar tamanha demonstração de desprendimento das Caixeiras e dos festeiros.

Hoje, muita coisa foi alterada. Já não existe mais a disposição por parte dos habitantes em tornarem-se festeiros. As doações foram rareando, fazendo com que o festeiro tenha que cumprir, quase que sozinho com a responsabilidade da efetivação da festa.

Desde essa época, que eu me perguntava: - Quem e quando essa festa teria começado? Pois tudo tem um começo! Onde teria acontecido a primeira manifestação? Por que alguém teria feito a primeira festa? Quais as razões para alguém se tornar festeiro? Como se dava o aprendizado dos toques dos instrumentos (caixas) usados na festa? Quais os motivos que levavam alguém a se tornar Caixeira? São essas questões que sempre me intrigaram e me acompanharam durante toda a minha vida que me proponho a responder com este trabalho.

Nos próximos capítulos, descreverei e analisarei o mito de origem, as motivações que geraram o enfraquecimento do festejo, a dificuldade de continuação no aprendizado em tocar as caixas, as danças e os cânticos e a ladainha que

constituem parte essencial da festa. No 1º capítulo, faço um breve histórico da cidade de Alcântara – MA. No capítulo 2, discorro sobre o mito de origem da festa do Divino no mundo. No capítulo 3, faço um relato da Festa do Divino no Brasil e mais especificamente em Alcântara. No capítulo 4, descrevo quem são as Caixeiras e o processo de aprendizado da arte de tocar caixa. No capítulo 5, faço uma etnografia da construção dos instrumentos. Por fim, no capítulo 7, faço as considerações finais do trabalho. A metodologia utilizada foi: pesquisa bibliográfica, a pesquisa de campo baseado nos princípios da etnomusicologia, valendo-me da tradição oral, privilegiando a fala dos protagonistas, e principalmente a minha experiência pessoal na condição de participante da festa, desde minha tenra idade até os dias de hoje.

1 BREVE HISTÓRICO DA CIDADE DE ALCÂNTARA

O município de Alcântara foi criado pela Lei n.º 24, de 5 de agosto de 1836, e está localizado na Microrregião Litoral Ocidental Maranhense. Ocupa o 3º lugar em extensão da Mesorregião Norte do Estado. Possui uma área de 1.457.916, o que corresponde a 0,45% da superfície estadual (331.937.450 km²). Possui uma população de 21.851 habitantes, conforme os dados do censo de 2010 do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (2011), distribuídas em cerca de 200 comunidades rurais, grande parte quilombola, sendo que 10.399 habitantes residem na sede do município. Alcântara apresenta uma densidade demográfica de 14,7 hab/km². O município limita-se ao Norte com o Oceano Atlântico, ao Sul com o município de Cajapió, Bacurituba e Peri - Mirim, a Oeste com Guimarães, separados pela baía de Cumã e ao Leste com os municípios de São Luís, separados pela baía de São Marcos, que cobre uma distância de 22 km. Para se chegar a Alcântara por via terrestre tem que se percorrer 425 km.

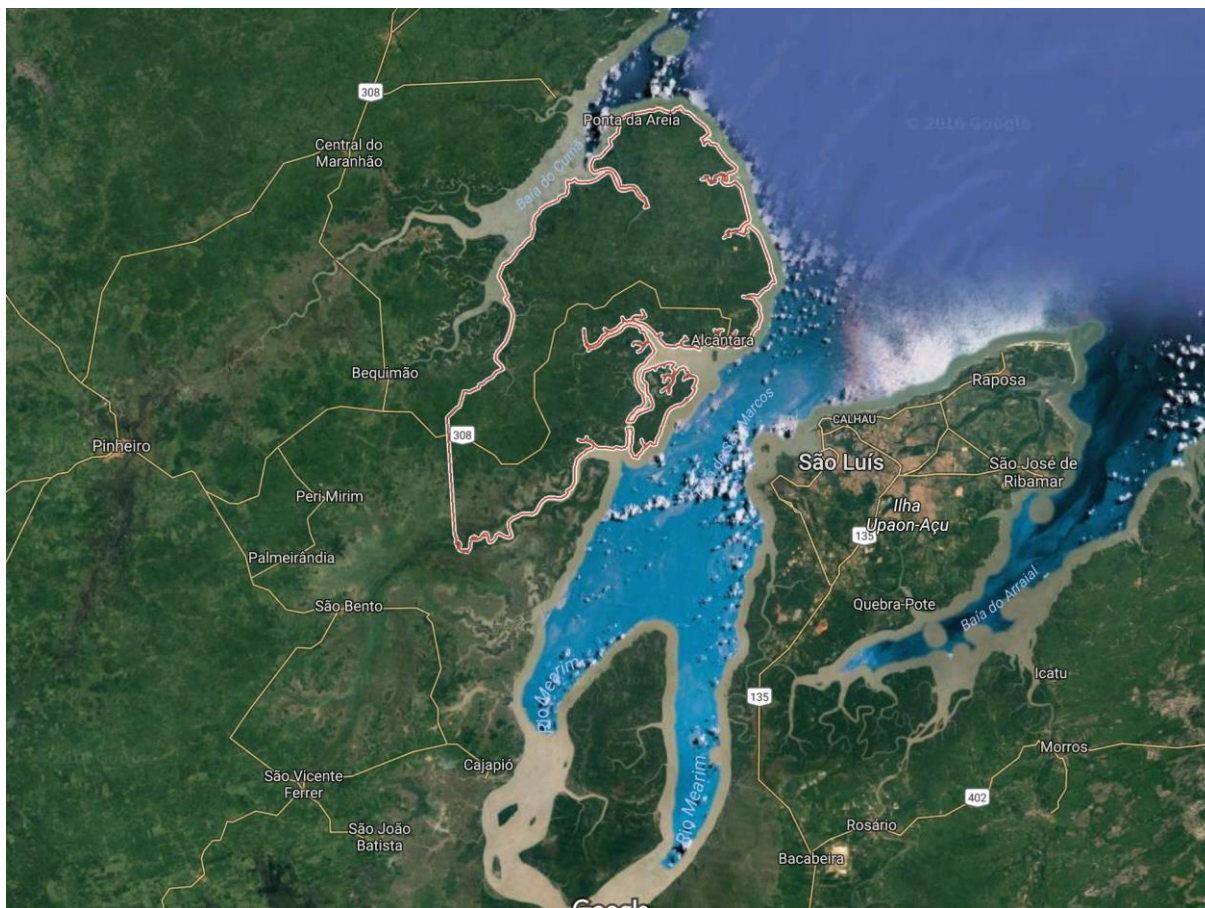


Imagem 1. Mapa de Alcântara e São Luís. Fonte Google Maps.

A história de Alcântara remonta ao século XVII, quando a aldeia indígena denominada Tapuitapera⁴, recebeu os primeiros franceses, que lá aportaram em 1612 provindos da expedição de Daniel de La Touche. Os franceses foram os primeiros europeus a chegarem na região e conseguiram manter uma relação amistosa com os indígenas. Após a expulsão dos franceses pelos portugueses, estes últimos firmaram o domínio na região. Com a construção de um presídio que ocorreu entre 1616 e 1618, foram dados os primeiros passos para a colonização portuguesa. Somente em 1648, com a sua elevação à categoria de vila, e com a denominação de Alcântara, que o progresso da aldeia realmente foi iniciado. Logo foi dado início a construção do Convento Nossa Senhora dos Remédios e do convento de Nossa Senhora do Carmo. O crescimento econômico e social aconteceu a partir do século XVIII, com a instituição da Companhia de Comércio Grão-Pará e Maranhão pelo Marques de Pombal. Nesse período, foram trazidos os negros africanos escravizados que tiveram que trabalhar na lavoura, nos armazéns, onde eram efetuadas as transações comerciais, e nas casas dos senhores efetuando os serviços domésticos (LIMA, 1997/1998).

O *pool* econômico, de que foi palco o Maranhão, oportunizado pelos conflitos ocorridos nos Estados Unidos (guerra da Independência de 1776 a 1781 e guerra da Secessão de 1861 a 1865) levou Alcântara a ser o maior centro produtor da província. O algodão maranhense substituiu o algodão americano nos teares ingleses. Essa condição fez com que fosse habitual entre as famílias ricas de Alcântara enviar seus filhos para estudarem em Coimbra e ali receberem a educação adequada, e também tornou possível a construção de belos casarões nos mesmo moldes dos existentes em Lisboa e Porto. No entanto, o enfraquecimento ocasionado com cessação dos conflitos nos Estados Unidos, fez com que os produtos exportados pelo Maranhão, principalmente o algodão, tivessem uma baixa no mercado e aditado a isso, os movimentos pré-republicanos e pré-abolicionistas ocorridos no Brasil durante esse século, deixaram fortes cicatrizes na economia do Estado e notadamente em Alcântara, que restou empobrecida e abandonada. Perdido o interesse no cultivo dos produtos agro exportadores, que perderam a viabilidade econômica, os bens móveis, imóveis e semoventes (escravos, animais de pequenos, médio e grande porte) sofreram um gradativo processo de abandono por

⁴ Significa terra de índios, “morada dos Tapuias” ou “Cabelos Compridos” (LIMA, 1997/1998).

parte de seus proprietários. As fazendas, até então produtoras de algodão, arroz, fumo, entre outros, passaram a ser ocupadas pelos escravos forros e seus descendentes que, aos poucos, foram se organizando em comunidades rurais desenvolvendo uma cultura econômica agroextrativista de subsistência (LIMA, 1997/1998; VIVEIROS, 1999). Este período é marcado pela transição do trabalho escravo para o campesinato, organizado em unidades familiares autônomas instalados em terrenos escolhidos e administrados por eles próprios (ALMEIDA, 2006).

Durante o século XX, Alcântara passa novamente a ser notícia. O Decreto Lei nº 7.320, publicado no Diário Oficial do Estado do Maranhão, informa que uma área de 52 mil hectares de terras havia sido desapropriada e considerada de “utilidade pública” e que nessa área seria instalado o Centro de Lançamento de Alcântara. Com a desapropriação, as comunidades rurais, em número de vinte e uma, remanescente de quilombos, foram deslocadas para uma área onde o Ministério da Aeronáutica construiu inúmeras casas – as “Agrovilas” – promovendo, assim, uma ruptura sócio/cultural e religiosa com seus antepassados, com as suas histórias, com os seus rituais domésticos, agrícolas, culturais e religiosos (LIMA, 1997/1998; ALMEIDA, 2006).

Segundo o antropólogo Almeida (2006), os quilombos de Alcântara fortalecidos com a organização do campesinato, desenvolveram, no decorrer do século XIX, técnicas agrícolas, além de manterem uma população predominantemente negra, que guardaram as matrizes da cultura africana, manifestadas nas danças, nos batuques, nas toadas, na culinária, nos tratamentos medicinais com ervas, nos modos construtivos, na religiosidade, nas rezas, nas crendices, nas superstições e principalmente nas histórias lendárias que tinham como personagens os senhores brancos, os escravos e as forças sobrenaturais.

A manutenção de rituais religiosos rompe com os seus limites estritos, estabelece lealdades para além do parentesco e da atividade econômica conjunta, levando a que os devotos se movimentem com maior frequência em direção a alguns povoados, que assumem uma posição de centralidade (ALMEIDA, 2006, p. 170).

Curiosamente, a festa do Divino, que deve ter sido iniciada pelos portugueses, provindos dos Açores, foi adotada pela população de Alcântara, sendo que boa parte dos festeiros e participantes são de origem negra. Não foi difícil para

os negros abraçarem a festa do Divino, pois em África são comuns festejos similares com desfiles de ruas e reis.

A implantação da Base Aérea em 1980, o Centro de Lançamento de Alcântara (CLA) em parceria com a Prefeitura Municipal de Alcântara providenciou a mudança da fonte de energia que era responsável pela iluminação pública da cidade. Anteriormente, a iluminação pública só acontecia entre as 18 às 22h e era gerada a partir de um motor a óleo diesel. Agora, as novas linhas de transmissão carregam a energia que proveem da Usina de Boa Esperança, favorecendo, assim, a modernização da cidade. Dispondo de energia 24 h, foi possível a instalação da rede de telefonia, o que se constituiu em um avanço para a comunicação de Alcântara com o mundo. Além da rede de telefonia foi possível, também, a instalação de água encanada, o que melhorou bastante a infraestrutura da cidade. No entanto, Alcântara mante-se, hoje, dependente da Base Aérea da Aeronáutica e da Prefeitura, visto que estas são as únicas instituições as quais a população recorre em busca de trabalho.



Foto 1 - Praça São Matias (conhecida popularmente como Praça da Matriz)

Fonte: José Flávio Ferreira Pinheiro



Fotos 2 - Praça São Matias (conhecida popularmente como Praça da Matriz)

Fonte: José Flávio Ferreira Pinheiro



Foto 3 - Igreja de São Matias (conhecida como Igreja da Matriz)

Fonte: José Flávio Ferreira Pinheiro

2 A FESTA DO DIVINO: MITO DE ORIGEM

Entre os diversos mitos que tentam explicar a origem da festa do Divino Espírito Santo um é bastante destacado. Mesmo que o “Espírito Santo” tenha sido mencionado em inúmeros registros bíblicos e históricos, sua importância ganha musculatura através dos trabalhos de Joaquim de Fiore (c. a. 1132 – 1202). Fiore foi um abade cisterciense e filósofo místico, defensor do milenarismo e do advento da idade do Espírito Santo. Fiore teria aprofundado sua fé quando, em peregrinação à Terra Santa, presenciou uma calamidade, possivelmente uma epidemia de peste. Nesse ano, meditou durante a quaresma no Monte Tabor e afirmou ter recebido uma visão “[...] foi-lhe revelada a vinda próxima de uma nova era de relações entre os homens sobre a Terra: a época do Espírito Santo” (BRANDÃO, 1978, p. 64). Ainda segundo o autor, a humanidade já teria ultrapassado a Idade do Pai, época que é representada pelo poder absoluto, inspirador do temor sagrado, que é o fio condutor do Antigo Testamento, e corresponde ao período anterior à revelação de Cristo.

A segunda Idade, Idade do Filho foi iniciada com a revelação do Novo Testamento e pela edificação da Igreja de Cristo, quando a sabedoria divina se revela. A terceira idade corresponderia ao advento do Império do Divino Espírito Santo, quando aconteceria a igualdade entre todos os membros do Corpo Místico de Deus, e seria marcada pela implantação definitiva da paz, do amor e da bondade entre os homens.

As ideias proféticas de Fiore conquistaram inúmeros adeptos⁵ que logo foram perseguidos por uma igreja oficial “medieval e fechada”. Em Portugal, onde encontrou um campo fértil para propagar-se, encontrou uma feroz resistência, “[...] foram queimadas mais de 400 pessoas por sua crença no “Espírito Santo” (BRANDÃO, 1978, p. 64). No entanto, foi também em Portugal que o festejo do Divino ganhou, na figura da rainha Isabel de Aragão (1271 – 1336), segundo Barbosa (2002), uma reformadora e continuadora das ideias de Fiori. Segundo o

⁵ O pentecostalismo protestante e o movimento carismático católico, também comemoram a descida do Espírito Santo, desenvolvendo práticas como o êxtase ou transe, o dom de curas e a glossolalia, ou fala em línguas estranhas, considerados símbolos do Espírito Santo, a partir de elementos inspirados em narrativas bíblicas. Esses movimentos, que costumam incentivar o êxtase pelo Espírito Santo, veem, no entanto, o transe que ocorre nas religiões afro-brasileiras como possessão demoníaca (FERRETTI, 2005).

mito disseminado em plagas portuguesas, a rainha Isabel teria tido um sonho inspirador. Nesse sonho, lhe foi revelado uma maneira de acabar com o conflito existente entre o seu marido e o seu filho⁶. Para apaziguar o conflito ela teria que edificar uma Igreja consagrada ao “Divino Espírito Santo” e realizar uma celebração ao Divino (em formato de procissão) fato que ocorreu, pela primeira vez, na vila de Alenquer em Portugal no séc. XIV. Nessa celebração, Isabel corou o seu filho como “o Imperador” e fez uma distribuição de comidas ao menos favorecidos (LEAL, 1994). A festa exibia um conjunto de rituais:

A arte transformava e unia a cidade em louvor ao que se festejava. As festas eram simbolizadas por um Imperador e dois reis que (Representavam a Santíssima Trindade). No momento da coroação (coroas de prata) homens bons e nobres das cidades, das vilas e do reino, faziam-se presente em desfiles e cerimônias nas Igrejas matrizes (MILHEIRO, 2003, p. 72).

Vale lembrar que esse tipo de atividade (procissão) já era conhecido na Idade Média, onde confrarias a realizavam da mesma forma que eram realizadas na Grécia Antiga, quando as pessoas desfilavam nas ruas com guirlandas, bandeiras, festejando os seus deuses e que teve a concessão da Igreja Católica:

A Igreja foi obrigada a fazer concessões. Permitiu festas, feiras jogos, nas proximidades da Igreja e converteu as festas pagãs com suas procissões, luzes e guirlandas, em festas e usos cristãos. Tomou emprestados os atrativos do culto de Isis, Mitra e Cibele e adotaram todos os meios de sugestão, empregados em seus ritos (SUMNER, 1950, p. 706).

No festejo do Divino, além de toda a concessão que havia sido feita pela Igreja católica, foram incorporadas as indumentárias usadas na corte portuguesa:

[...] a fórmula paradigmática do ‘império’ (pelo menos nos seus caracteres simbólicos mais significativos) não foi como se poderia pensar numa primeira análise, exclusiva das festas do Espírito Santo, mas chegou, inclusive, a configurar outro tipo de festividades consagradas a santos diversos (LOPES, 2004, p. 99-100).

⁶ O Infante D. Afonso IV, herdeiro do trono, sentindo-se preterido, visto que seu pai o rei D. Dinis demonstrava preferência pelo seu filho bastardo, Afonso Sanches, decidiu na década de 1320, declarar a intenção de batalhar contra o seu próprio pai. No entanto, a intervenção da rainha Isabel serenou os ânimos, evitando um conflito armado, e conseguindo que fosse assinado um tratado de paz em 1325 (LIMA, 1997/1998).

O mito baseado no sonho da rainha Izabel é aceito por inúmeros autores. Lima (1997/1998), Rossato (2000) e Martins (2008), fazem parte dos que afirmam ter sido a primeira celebração do Império do Divino Espírito Santo em Portugal e que teria ocorrido por volta do século XIV, através da Rainha Santa, Izabel de Aragão, esposa do Rei Dom Dinis. No entanto, vinculam a festa ao pagamento de uma promessa por ela ter seu pedido (fim do conflito entre Portugal e Espanha) atendido. Para cumprir com sua promessa, ela mandou edificar uma igreja em devoção à Terceira Pessoa da Santíssima Trindade, na Vila de Alenquer. Nessa celebração, Isabel teria coroado o seu filho como “o Imperador” e teria distribuído comidas aos menos favorecidos (LEAL, 1994). Não obstante esse ser o mito mais aceitável, muitos autores, afirmam ainda haver controvérsias sobre as origens da festa do Divino Espírito Santo: “Este festejo ganhou tamanha proporção em vários países, porém ainda não se sabe a origem” (ABREU, 1996, p. 45).

Observa-se que, independente do mito de origem, a festa teve o papel de unir o povo em torno de uma manifestação inicialmente religiosa e que, com o passar do tempo, tornou-se uma manifestação cultural disseminada pelos portugueses nos diversos povos por eles colonizados. Ainda hoje, a festa tem o poder de congregar pessoas com o objetivo comum de celebrar, comemorar ou simplesmente festejar uma vontade comum onde o culto ao Divino pode, às vezes até passar despercebido. A festa funciona também com um espaço de reencontro, pois muitos amigos só se veem por ocasião dos festejos.

Há quem veja em alguns elementos da festa do Divino, um lampejo da ideia de São Francisco, pois a Ordem dos Franciscanos advoga a simplicidade e a partilha do pão, o que ocorre na festa com a distribuição de comida aos menos favorecidos, em um ato de solidariedade.

Segundo Martins (2008), a partir do século XIV, o culto ao Pentecostes foi sendo levado pelos portugueses aos diversos povos por eles colonizados. África, Índia, Arquipélagos da Madeira e dos Açores e Brasil receberam a ideia do Festejo do Divino e tanto os colonos brancos quanto os negros escravos tornaram-se adeptos e passaram a festejar o Divino. Milheiro (1996) aponta que a festa do Divino, apresentava, já desde seu início, um conjunto de

comportamentos e rituais, partilhados pelos habitantes das cidades onde ele era festejado.

Martins (2008) conta que, inicialmente, na Festa do Divino a principal atividade era a distribuição de carnes e esmolas aos menos favorecidos, em uma clara imitação do ritual iniciado pela Rainha Isabel. Conta a lenda que ela costumava levar moedas de ouro e outros donativos para distribuir aos pobres. Porém, sob o reinado de D. João IV, em 1808, foi instituído a representação de uma corte organizada, formada por pessoas do povo, tendo como principal personagem o Imperador, que possuía poderes para, inclusive, ordenar a libertação de determinados presos.



Foto 4 - O Imperador do Divino.

Fonte: Paulo Fernando

Com a colonização do Brasil, inúmeros adeptos da nova crença migraram para as novas terras, e ocuparam, prioritariamente, antes as terras de Minas Gerais e, depois, os espaços de Goiás e, em menor escala, os de Mato Grosso. Esses estados receberam casais açorianos que tiveram a função de povoar o Brasil, sobretudo nas regiões próximas aos limites do Tratado de Tordesilhas, que passava, ao Norte, próximo a Belém do Pará e, ao sul, próximo

a Laguna, no atual estado de Santa Catarina. Esse é um dos pressupostos que explicaria a tradição da festa nessas regiões, assim como em algumas regiões do interior do país, como é o caso de Goiás, onde o festejo é sobremaneira intenso e se reveste de grande importância (FERRETTI, 2005). No Maranhão, Alcântara e Paço do Lumiar, a festa tem um grande destaque. Considerando que no Maranhão houve uma grande imigração de açorianos, é crença corrente na região de que foram eles que ao imigraram para a região no século XVII, deram início a essa tradição:

Para consolidar o projeto de conquista do Norte do Brasil, casais de açorianos, cerca de 200, além de seus componentes familiares, filhos e agregados, formaram um contingente de cerca de 1.000 pessoas, as quais foram conduzidas para aquele território na tentativa de formar núcleos familiares de exploração do espaço, já sob domínio luso (MARTINS, 2008, p. 34).

A chegada da família real ao Brasil, em 1808, é vista como um ponto de afirmação e disseminação do festejo. Alcântara, reconhecida como o maior produtor e agroexportador da colônia, recebeu a promessa de uma visita do Imperador. Essa promessa reforçou o modelo que deveria ser seguido no ato da recepção, onde as vestimentas vinculadas à nobreza deveriam ser exibidas, com a demonstração de riqueza dos seus habitantes. Infelizmente, essa visita não aconteceu, ficando, no entanto, na imaginação coletiva e exteriorizada na festa do divino o modelo da recepção que nunca ocorreu.



Foto 5 - O Andor do Divino.

Fonte: Paulo Fernando

Em todos os estados onde o “Divino Espírito Santo” é comemorado, a festa apresenta elementos comuns. Em Pirenópolis (GO), em Manaus (AM), em Mogi das Cruzes (SP) em Alcântara (MA) vários deles são notados: a bandeira, a folia do divino, o mastro, a pomba do divino, a cor vermelha que simboliza a pomba, o cetro de prata, as doações (esmolas), aspectos muito marcantes do divino em todas as festas. Na Bahia há notícias que em 1765, os ilhéus portugueses em suas caravelas a caminho do Brasil já comemoravam o festejo do divino em plena viagem (COSTA, 2010). No entanto, observam-se alguns elementos que são peculiares a cada região. Em Pirenópolis (GO) é realizada uma cavalhada - espécie de disputa de dois grupos montados a cavalos, que só lá é apresentado. Em Mogi das Cruzes (SP) incluem uma tradicional panelada preparada só pelos homens. Em Alcântara (MA) apresentam o mastro que é montado por crianças e que é depois carregado por homens, que o levam fazendo um circuito por toda a cidade.

3 A FESTA DO DIVINO EM ALCÂNTARA

A Festa do Divino é uma das manifestações culturais e religiosas existentes no município de Alcântara, que tem o maior destaque devido a sua complexidade e a sua composição, que conta com um Império formado por Vassalos, Aias, Mordomos, Caixeiras, bandeiras e Mestres Salas. Essa festa acontece na sede do município seguindo o calendário litúrgico da Quinta Feira da Ascensão de Nosso Senhor Jesus Cristo a Domingo de Pentecostes, normalmente no mês de maio.

Cotejando com o ciclo produtivo, importa salientar que os festejos começam quando a colheita do arroz e do milho bem como as farinhadas já terminou ou ainda estão terminando. Em maio tem como referência a Festa do Divino, que desde a derrubada do mastro já mobiliza diversos povoados (ALMEIDA, 2006, p. 170).

A Festa do Divino acontece no Domingo de Pentecostes, ou seja, 50 dias após a Páscoa Católica. A Igreja Católica considera que nesse dia o “Espírito Santo” teria descido sobre os apóstolos em forma de uma pomba. Assim, nos festejos do Divino, este é simbolicamente representado por uma pomba branca (FERRETTI, 2005).

No Maranhão os municípios de São Luís, Paço do Lumiar e Alcântara detêm forte tradição de festejar o Divino Espírito Santo. Nesses municípios observa-se que não há uma relação do festejo com a religião católica, no entanto podemos encontrar essa festa em alguns Terreiros de Mina, como se pode comprovar com o que acontece na Casa das Minas de São Luís. Constata-se a sua ausência em vários estados, sobretudo no Nordeste, na região que vai de Sergipe ao Piauí, talvez em função do tipo de ação missionária desenvolvida no passado (FERRETTI, 2005).

Carlos de Lima, apoiado no diário de festas do Maranhão datado de 25 de setembro de 1882, afirma que A festa do Divino em Alcântara já acontecia bem antes dessa data. Os autores Abreu (1996), Lima (1997/1998) e Ferretti (2005) estão entre os que relacionam à festa do Divino com os açorianos que emigraram com a função de povoar o Maranhão.

A tradição oral tem no Sr. Moacir um dos portadores das informações e ele relatou a Carlos de Lima que a festa começa assim:

[...] na missa do domingo de pentecostes, é lido o '**pelouro**', escolha dos futuros festeiros que darão continuidade ao ritual do Divino. Nesse momento são escolhidas 13 pessoas: O Imperador (que a cada ano se alterna com 1 Imperatriz), 1 Mordomo-Régio (Mordoma, no caso da Imperatriz), 5 Mordomos-Baixos e 6 Mordomas-baixas (AMORIM apud LIMA, 1988, p. 21-22).

Amorim (apud LIMA, 1997/1998) conta ainda que as pessoas escolhidas para serem os festeiros já começam a se preparar para as festividades do ano seguinte. Fala também que no dia 15 de agosto, seguindo um ritual do festejo, os mastros, tanto do Mordomo Régio como do Imperador (ou Imperatriz) são derrubados. Na páscoa, já são iniciados alguns pedidos de ajuda para a realização da festa. Cinquenta dias depois da Páscoa é iniciado o festejo.

A festa ocorre durante 13 dias consecutivos. Na quarta feira ocorre, no Porto do Jacaré, o enfeitamento do mastro do Império, que é acompanhado por grande parte da população. Após o enfeitamento, o mastro é conduzido pelos homens adultos, às casas dos festeiros. Durante o deslocamento, as crianças sobem no mastro e cantam "Areia, Areia" em uma espécie de canção de trabalho. O mastro é então finalmente conduzido à Praça da Matriz (ruína da igreja Matriz) onde é enterrado. Na sexta feira, o mastro conduzido é o do Mordomo (a) Régio (a) saindo, no entanto, da parte mais elevada da cidade, próximo ao cemitério, tendo que visitar os festeiros e, então, é enterrado na praça mais próxima da casa do Mordomo Régio. A população acompanha a disputa que ocorre entre o Império e o Mordomo (a) Régio (a), para saber qual o mastro se encontra mais enfeitado, qual tem o maior tamanho, qual foi o que atraiu o maior público no seu deslocamento, etc.

Durante todos os dias do festejo, os Mordomos (normalmente crianças) são buscados em suas casas acompanhados pelas orquestras que os conduzem à Igreja do Carmo onde ocorrerá a ladainha. Podem ocorrer visitas noturnas, às vezes diariamente, enquanto durar os festejos. Nessas visitas, os Mordomos deslocam-se até o império para presenciar a distribuição de comidas e bebidas.



Foto 6 - Mordomos do Império.

Fonte: Paulo Fernando

Nesse tempo de festejo, grande parte da comunidade alcantarense participa ativamente da festa, quer ajudando na confecção das iguarias que serão servidas, quer na organização das mesas e distribuição dos doces aos partícipes dos cortejos e aos visitantes das casas do Imperador e/ou dos Mordomos. As crianças participam do cortejo na condição de carregadores dos balões, e são os que mais empolgação demonstram diante da farta mesa de doces e chocolates.

A partir do século XIX, a Festa do Divino de Alcântara vai se firmando como o evento religioso mais importante não só para o Município como para todo o Estado do Maranhão, que recebe muitos turistas interessados em pesquisar e ou participar do festejo. O destaque maior do festejo são as Caixeiras, que detêm o conhecimento do ritual, dos toques da caixa, da dança, das ladainhas e canções que são entoadas nos diversos momentos representativos da festa, além da capacidade e talento para elaborar e recitar versos improvisados em ocasiões especiais. Muitas Caixeiras são descendentes de negros e vivem ainda em comunidades rurais quilombolas mas que, durante o período do festejo, deslocam-se para a sede do município para participarem da louvação ao Divino.

3.1 A festa do Divino na tradição oral, segundo moradores e organizadores: conceitos e definições

Muitos moradores da cidade de Alcântara tem uma verdadeira paixão pelo festejo do Divino. No entanto, quase todos criticam o enfraquecimento da festa e a falta de músicos na cidade, o que tem encarecido sobremaneira a realização da festa. Entre os críticos mais ferrenhos, destaco o Seu Moacir Melquiades Brito Amorim. Moacir nasceu em 1936 e vem participando ativamente dos festejos desde 1955. Iniciou como auxiliar de Ricardo Leitão que, na ocasião, era coordenador geral da festa do Divino de Alcântara. Com o óbito do Ricardo Leitão, Moacyr assumiu a coordenação geral, mantendo-se até a presente data (2016) nessa função. Ao descrever a data correta do início do festejo na cidade, ele afirma que ninguém sabe realmente quando começou. “Qualquer afirmação em contrário, não passa de especulação, pois todos os anciões da cidade referem-se aos festejos como tendo início há muito tempo” (Amorim, 2015)⁷. Ao referir-se sobre o Divino, seu Moacir Amorim, hoje com 78, afirma que:

Na cidade havia duas orquestras, que, no seu entender, eram suficientes para acompanhar as atividades desenvolvidas no festejo, “todos os músicos eram da cidade, todos filhos de terra, e não precisavam trazer ninguém de fora. A festa era muito boa e barata. As pessoas se contentavam com que tinham, mas hoje, é uma festa muito cara (AMORIM, 2015).

Seu Moacyr tem como vice-coordenador o Sr. Antônio do Livramento Tavares Boaes que também exerce a função de diretor da casa do Divino em Alcântara. Seu Antônio fala com todo orgulho e emoção de fazer parte de uma festa que desde criança vive momentos de fé e religiosidade.

Seu Antônio é um dos artesãos responsáveis pela montagem dos altares e restaurador de um dos símbolos da festa, (a pomba do Divino). Ele fala também que se lembra de quando a festa era mais pomposa, as pessoas ajudavam os festeiros com mais vontade e amor.

⁷ Informação fornecida por Seu Moacir Melquiades Brito Amorim, coordenador geral da festa do Divino de Alcântara - MA, em 15 de outubro de 2015, em Alcântara - MA.

As orquestras compostas por músicos genuinamente alcantarenses. Os mesmos tocavam e supriam as necessidades dos festeiros. Claro que os músicos locais recebiam pelos seus trabalhos, porém, os festeiros economizavam no valor pago, por conta de serem da cidade de Alcântara. Não houve uma formação continuada desses músicos, para que tivéssemos novas orquestras passando de geração em geração. E que não necessitasse importar músicos de outras cidades, como acontece hoje (BOAES, 2015).

Por ocasião da entrevista, perguntei a ele se se lembrava do ano em que tiveram que chamar músicos de outras localidades. Ele respondeu que não lembra, mas afirmou ter presenciado um fato ocorrido em uma casa de festa:

Não tinha músicos suficientes para tocar, e daí, contratou um som mecânico para animar, e então o Estado da Cultura, que nessa época já ajudava no festejo em Alcântara, não aceitou. Seu Antônio acha que daí começou-se a importar músicos de São Luís, especificamente músicos da polícia militar (TAVARES, 2015).

A inserção dos recursos públicos tem gerado um encarecimento da festa, fazendo com que todos os serviços essenciais para a sua realização sejam cobrados ao equivalente a um salário mínimo, como é o caso de forneiros e cozinheiros. Ao saberem que o Estado está patrocinando a festa, os donativos escasseiam-se e o voluntariado também diminui. Outro fator que faz o encarecimento da festa é a importação de músicos vindos de São Luís, conforme nos relata o Sr. Moacir Brito 15/07/2015:

Antigamente haviam apenas duas bandas de música em Alcântara e as duas bandas atendiam a todos os festeiros, e olha que eram 13 festeiros, porque se rezava e tocava hoje pra um Mordomo, amanhã já era a vez de outro, mas hoje não, cada festeiro quer ter a sua banda, aí encarece a festa [...] (AMORIM, 2015).

Fiz várias entrevistas com pessoas idosas da cidade que viveram e lembram com lucidez de muitos acontecimentos vividos por elas na década de 1940 em diante. Muitos deles, vivos até hoje como: seu Heidimar Guimarães Marques, seu Malalael Moraes (Malé ex-prefeito de Alcântara), Raimundo Gustoso dito (Gustoso brincante da cultura popular), seu Moacir Melquiades Brito Amorim, hoje coordenador geral da festa do Divino, meu pai José Ribamar (Pinheiro) e todos confirmaram que a festa do Divino, e outros festejos que aconteciam na cidade eram

acompanhados por essas orquestras de músicos alcantarenses que tocavam e supriam as necessidades dos festeiros.

Seu Malalael Moraes, conhecido como Malé, comenta que:

Quando criança, conheci vários músicos alcantarenses. Os vi em inúmeras festas do Divino Espírito Santo que frequentei. Vi esses músicos tocando nos bailes que aconteciam antigamente na cidade, no festejo do Divino Espírito Santo e em outras festas de Santo. Eram músicos todos de tocar por parte, (tocar pela partitura) principalmente os de sopros. Todos liam partitura (MORAES, 2015).

Ele descreve os familiares de todos eles com muita propriedade, pois já era garoto de aproximadamente 12 a 15 anos na época. Na própria família tinha músicos e parente bem próximo, por isso descreve com clareza esses músicos.

Graça Cavalcante, hoje com aproximadamente 60 anos, comenta sobre os músicos:

Meu pai era músico. Na época eu era uma garotinha a mãe me contou que vieram músicos do Rio de Janeiro, e teve um deles que levou um livro de partituras escrito pelo pai. Hoje esse livro já serviria para que os músicos daqui se apropriassem e conhecessem a história de conterrâneos que viveram em tempos diferentes e sabiam ler partitura e que tocavam muito bem (CAVALCANTE, 2015).

Quando se refere as mudanças ocorridas no festejo, Seu Moacir, conta que uma festeira começou a introduzir no festejo utensílios caros para a realidade das pessoas da cidade. Ele fala que era tudo muito caro nessa festa, as bebidas eram de primeiríssima qualidade:

Passaram a servir cervejas que antes não eram servidas, e olhe que a cerveja é a mais barata deste, champanhe, e até uísque. Até por que o normal das bebidas era: cachaça, conhaques, vinhos e licores. Essa era a realidade dos festeiros tradicionais. Então, os mesmos começaram a observar e a querer copiar essa riqueza, mesmo sem ter condições financeiras. Por isso, fazer uma festa do Divino hoje, tem que ter muita coragem, por conta de que é tudo muito caro, e fora da realidade do povo de Alcântara (AMORIM, 2015).

Sobre a configuração e temporalidade do festejo ele assim esclarece:

A preparação da festa do próximo ano é começada com a derrubada dos mastros⁸ que acontece em uma data fixa (dia 15 de agosto), sendo que o horário pode ser variado, de preferência, de noite, quando é celebrada uma missa às 19h00, sendo que nessa missa são coroados os festeiros que irão dar continuidade ao ritual de comemoração da festa que acontecerá em maio ou junho do ano seguinte. Depois da missa, os presentes são

⁸ Os mastros em questão são o que fizeram parte da festa que aconteceu no mês de maio ou junho passado.

convidados para irem à Casa do Império, onde há uma farta distribuição de doces e chocolate (AMORIM, 2015).

No intervalo entre a largada do festejo e a sua concretização, as Caixeiros saem pela cidade executando os toques tradicionais na caixa e performando a dança que ocorre durante a festa, e pedem donativos (joias) que servirão para a aquisição de mantimentos que serão transformados em comidas a serem servidas durante o período de 13 dias que dura o festejo.

3.2 A configuração da festa

A minha condição de observador participante, me levou a conceber a configuração do festejo da seguinte forma: No domingo que antecede a primeira quarta-feira, dia de enterramento do primeiro mastro, o Imperador e o Mordomo Régio vão em busca dos mastros, que serão retirados de árvores que compõem a mata que envolve a cidade de Alcântara. Esses mastros medem aproximadamente 15 metros de comprimento. Esse ato simboliza o início dos festejos. Os mastros se constituem em dos mais importantes símbolos da festa. Nesse dia, a população se reúne para buscar os dois mastros. Na primeira quarta-feira da semana da festa, o mastro do Imperador é carregado pela população, que o desloca em visita a todas as casas de festa, sendo este um ritual perene e indispensável. Nesse momento, a população fica atenta para saber qual dos mastros atrai mais pessoas se o do Imperador ou do Mordomo Régio, sendo que este último tem seu deslocamento e visita às casas dos festeiros na sexta-feira seguinte. No fincamento dos mastros, também é possível constatar a hierarquização que ocorre na festa. O mastro do Imperador, ou Imperatriz, é sempre fincado na praça principal da cidade, ou seja, a Praça da Matriz, onde estão edificadas as muralhas da Igreja Matriz, enquanto o mastro do Mordomo Régio é fincado na praça mais próxima de sua residência, ou seja, o local onde ocorre a festa da qual ele é o responsável.

O momento do fincamento dos mastros se constitui em um dos momentos mais esperados dessa etapa da festa. A população que acompanhou o mastro em seu deslocamento se junta para levantá-lo e fincá-lo o mais rápido possível, já que a motivação maior é a tão esperada distribuição de variados doces, com destaque para o doce de espécie e os bolinhos de tapioca. A bacia dos doces é colocada no

chão, junto ao tronco do mastro, e deverá ser disputada pelos que acompanharam a procissão, cabendo a quem pegar primeiro a bacia tornar-se o proprietário dos doces. Na verdade, a bacia tem que ser furtada. Nesse momento, ocorre uma disputa e todos ficam atentos, pois o furtador receberá murros nas costas. Este, ao ser esmurrado, buscará fugir com a bacia de doce e, ao correr, é acompanhado pelos outros que tentarão lhe alcançar para lhe tomar a bacia. Depois é a vez dos bolinhos de tapioca que são jogados de cima da muralha da matriz. Aqui, vemos uma ação similar a que ocorre em Portugal na festa de São Gonçálinho, quando são jogadas cavacas da torre da Igreja para serem agarradas pelos fiéis que estão dispostos em torno da Igreja. Esse momento tem sido muito criticado por inúmeros habitantes da cidade de Alcântara e até mesmo por seus visitantes, pois muitos jovens e até mesmo crianças ao tentarem apanhar os bolinhos são vítimas de murradas nas costas, o que pode lhes causar enfermidades. Este tem sido visto como um momento triste e revoltante da festa.

Durante o festejo do ano de 2007, a pesquisadora Marise Barbosa registrou a programação ocorrida naquele ano, que abaixo transcrevo:

1º Dia

15 horas: Cortejo do Mastro da Imperador ou Imperatriz. Praia

O Jacaré até a praça da matriz - **Levantamento do Mastro**

2º Dia

9 horas: Quinta feira da Ascensão. Missa solene na Igreja de Nossa

Senhora do Carmo e passeata pelas ruas de Alcântara até a Casa Divino.

15 horas: Prisão do Império aos Mordomos

3º Dia

15 horas: Cortejo do Mastro do Mordomo Régio. Saída da Caravela até a praia do Jacaré.

4º Dia

19 horas: Ladainha. Igreja N.S. do Carmo

20 horas: Visita do Mordomo Régio ao Império

5º Dia

9 horas: **Domingo do Meio** – Missa solene. Igreja de N.S. do Carmo

21 horas: Visita do Império aos Mordomos

6º Dia

19 horas: Ladainha. Igreja N.S. do Carmo e visitas de Mordomos ao Império

7º Dia

19 horas: Ladainha. Igreja N.S. do Carmo e visitas de Mordomos ao Império

8º Dia

19 horas: Ladainha. Igreja N.S. do Carmo e visitas de Mordomos ao Império

9º Dia

19 horas: Ladainha. Igreja N.S. do Carmo e visitas de Mordomos ao Império

10º Dia

15 horas: Subida do Boi

19:30hs Ladainha. Igreja de N.S. do Carmo

21 horas: Visita do Império aos Mordomos

11º Dia

15 horas: **Distribuição de Esmolas** com cesta básica aos idosos

19 horas: Ladainha com presença do Império e Mordomo. Igreja Nossa Senhora do Carmo

12º Dia

9 horas: **Domingo de Pentecostes** – Missa Solene na Igreja N.S. do Carmo

10 horas: Procissão do Divino Espírito Santo. Ruas de Alcântara

16 horas: Leitura do Pelouro

13º Dia

9 horas: Entrega dos postos aos novos festeiros.

Assim é a programação de toda a semana do festejo (BARBOSA, 2009, p. 26-27).

Após o fincamento do mastro, ocorrem as ladainhas diariamente. Nas ladainhas acontecem as rezas e as danças das Caixeiras que são finalizadas com a distribuição do chocolate e doces aos presentes.

No primeiro domingo da festa, denominado de Domingo do Meio, acontece a missa na Igreja matriz às nove horas e, nesse dia, também é oferecido o almoço aos visitantes e autoridades. Normalmente, é nesse dia que as autoridades constituídas levam os recursos financeiros para apoiar os festeiros. Já ocorreu do governador do Estado visitar a cidade e os festeiros nesse dia.

3.3 Os festeiros

Neste capítulo, nos valem das falas dos festeiros – pessoas da comunidade que fazem a festa em suas casas – para conhecermos as razões de suas iniciativas de louvarem o Divino Espírito Santo.

Karina Waleska Scanavino Costa (47 anos de idade), moradora da cidade de Alcântara teve a oportunidade de ser festeira no ano de 2008 como “Mordoma Baixa” e Mordoma Régia em 2012, sendo este, o segundo cargo mais importante do festejo. Ela conta que é um momento único fazer parte de um grupo de pessoas que constitui a corte do Divino. As dificuldades são muitas, para que se possa realizar o festejo. Costumes antigos como por exemplo, esmolar para angariar fundos para ajudar na realização da festa, hoje são desnecessários e não dá para o festeiro contar muito com essa ajuda. Muitos encargos ficam por conta do festeiro. Mesmo que o estado e o município ajudem, ainda se faz necessário a distribuição de cartas de ajuda à comunidade como o fito de custear as despesas. Como a festa consome muitas energias e é necessária a confecção de uma série de indumentárias, enfeites da casa, pagamento de músicos, a banca de doces e o almoço oferecido quando da visita da corte, e até mesmo, o aluguel de casa, quando

a casa do festeiro se mostra não adequada à realização da festa, o festeiro sempre pede ajuda da comunidade, e cada um ajuda da melhor forma que possa. Nem sempre a ajuda vem em forma de dinheiro. Pode ser o próprio serviço no qual a pessoa se mostre especialista. Pode ser preparando o almoço, os doces, os licores, a confecções de Banseirinhas para enfeitar a casa etc.

Karina conta da dificuldade, e ao mesmo tempo, da satisfação e prazer em poder realizar com (Pompa) o festejo do Divino Espírito Santo.

Quando o festeiro consegue angariar fundos que possa suprir todas as necessidades da festa, isso dá uma sensação de missão cumprida. A fé é tudo, o acreditar é muito importante para a concretização do sonho. Levada pela fé, sempre fica mais fácil concretizar algo que muito queremos fazer nessa vida (COSTA, 2015).

Esse sentimento de Karina é compartilhado por quase todos os festeiros. Todos referem-se a Fé e a sensação do dever cumprido.

Gil Eanes Fonseca Lobato, 47 anos de idade nascido e criado em Alcântara e que foi convidado em 2013 para realizar o festejo do Divino como “Mordomo Baixo”, posto simples que compõe parte da corte do festejo, relata as dificuldades para a realização da sua festa.

As dificuldades encontradas parecem não existir diante da vontade e da fé de fazer uma festa bonita e cheia alegria. As ajudas são inevitáveis, com elas é mais fácil sua realização. O alto preço de tudo que envolve a festa faz com que as pessoas mais pobres não consigam realiza-la. Antigamente haviam mais casas disponíveis para a realização dos festejos, o que não ocorre mais hoje. Hoje as casas adequadas e que antigamente eram doadas para a festa, não estão mais disponíveis (LOBATO, 2016).

Observa-se que em ambas as falas há um sentimento de saudosismo e de reconhecimento de que havia uma maior disponibilidade de espaços e que a festa era feita pela comunidade com mais pujança. É provável que a ajuda do governo do estado e do município tenha gerado um sentimento de que é o governo que tem a obrigação de fazer a festa e não a comunidade. A situação econômica do município também pode ter sido responsável pelo encarecimento da festa. Com a implantação da Base de Alcântara os preços das coisas subiram, pois os trabalhadores que vieram com ela têm como pagar mais caro pelos produtos, o que desfavoreceu aos habitantes locais a aquisição dos mesmos produtos, já que eles ganham um salário muito menor que o pessoal da base.

4 AS CAIXEIRAS EM SEUS DEPOIMENTOS

A festa do divino de Alcântara tem as Caixeiras como um dos seus símbolos mais destacados. Os toques das caixas articulados por elas são definidores de momentos característicos que configuram a festa. Assim, para cada trajeto há um toque específico que o invoca. Quando se vai à mata em busca de um mastro que será hasteado como símbolo da festa, as Caixeiras acompanham os homens executando toques característicos da ocasião. Da mesma forma, quando o cortejo se desloca para a casa da festa, outros tipos de toques são articulados.

Tradicionalmente, os toques dos tambores nos rituais dos cultos afro-brasileiro são praticados pelas mulheres. É através dos inúmeros instrumentos ritualísticos, destacados, as caixas, as baquetas, o mastro, a bandeira, a santa croa, a pomba, o cetro, o capote e principalmente as canções que o sagrado se manifesta, e é reatualizado a cada ano, a cada festejo em um processo de contínua perpetuação (BARBOSA, 2006). Para consubstanciar nossa pesquisa, e tendo em vista a importância de algumas pessoas para a manutenção da tradição de tocar caixas na festa do divino, iremos, em uma pequena biografia de três dessas pessoas, externar o modo de vida de quem faz essa festa. Acreditamos que conhecê-las, saber um pouco de suas vidas, facilitará o entendimento de tudo que descreverei em seguida.

4.1 Marlene Silva

Marlene Silva, (Malá ou Colega) como é conhecida, nasceu em Alcântara em 03/06/1944 e hoje se encontra aposentada. Malá é “Caixeira Mor” na festa do Divino em Alcântara, o posto mais alto alcançado por uma Caixeira. As Caixeiras ganham dos festeiros vestimentas características para apresentações durante toda a festa. Atualmente, Malá é considerada a mais preparada das Caixeiras devido ao conhecimento obtido ao longo da vida, e ainda manifestado, pois ela é detentora de uma boa memória. É, entre as participantes do festejo que ainda estão vivas, a que mais conhece o ritual da festa. Qualquer pesquisador que quer saber sobre a festa do Divino de Alcântara recorre a ela, que pelas informações dada sempre recebe algumas prendas. Sobre seu interesse pela festa, Marlene assim se expressou:

Lembro-me que em minha família havia uma devoção muito grande à festa. Sendo que muitos dos meus familiares desempenharam a função de Caixeira, inclusive minha mãe, minhas irmãs que, de certa forma, me inspiraram para que eu chegasse à função de “Caixeira Mor” da festa do Divino em Alcântara (MARLENE, 2015).

Afirma, ainda, que, o seu aprendizado se deu quase de forma simbiótica, pois quando acompanhava as Caixeiras mais antigas, ela as ouvia cantar e a tocar, e de uma forma quase, ou até mesmo, instintivamente cantava e tocava sem nem mesmo perceber o que estava fazendo. Sobre o seu aprendizado Marlene, conta que, além de ver e ouvir as Caixeiras mais velhas, também teve, de certa forma, uma orientação por parte das Caixeiras mais experientes.

Havia os dias em que as Caixeiras mais antigas dedicavam para ensinar as meninas que queriam ser Caixeiras. Muitas Caixeiras novas que eu ensinei a tocar caixa foram inseridas como Caixeira na festa do Divino em Alcântara e em outros lugares. Eu estou disposta a ensinar e fazer oficinas para as pessoas que queiram se dedicar à função de Caixeiras, mas há um desinteresse da juventude pela função de Caixeira, que acham que é uma coisa menor (SILVA, 2015).

Marlene se diz entristecida, pois gostaria que essa tradição nunca morresse. Asservera que a juventude não se interessa: “É falta de interesse mesmo, porque é assim: - A pessoa quando quer e gosta, se interessa pra fazer esse tipo de trabalho, como eu fiz (SILVA, 2015).



Foto – 7 Caixeiras durante o festejo.

Fonte: Paulo Fernando

Malá começou como Banseirinha por um ano e depois assumiu o posto de Caixeira na Festa do Divino, e se diz orgulhosa porque, agora, vai deixar uma discípula “Ingrithy” para o presente e o futuro da festa do Divino em Alcântara. A sua aluna e a mais nova Caixeira chama-se Ingrithy Leitão Barbosa, que tem 13 anos de idade e é filha de um tradicional participante da festa do Divino de Alcântara. Ela ainda desempenha a função de Banseirinha da festa, mas com o auxílio de Malá (Marlene Silva) diz que de tanto ouvir e estar ao lado da antiga Caixeira, já consegue executar a maioria dos toques utilizados nos rituais da festa. Ingrithy diz: “quero ser Caixeira para não deixar a tradição da festa acabar. Tem meninas da minha idade que são Banseirinhas, mas não sabem tocar. Eu com apenas doze dias de festa já aprendi vários toques” (Barbosa, 2015).

Ingrithy se assemelha muito à sua mestra, na determinação em saber o que quer ser. Nessa idade, Malá tinha o mesmo sonho, ser Caixeira da festa do Divino.



Foto – 8 Caixeira nova “Ingrithy”, discípulo de Marlene.

Fonte: José Flávio Ferreira Pinheiro

Ingrithy sente-se com o propósito de manter a tradição da festa “vejo-me com uma missão de levar a mensagem e incentivar todas as meninas e mulheres que acompanham e vêm a festa do lado de fora, a virem ser Caixeira, pois essa é uma missão de fé” (Ingrity, 2016).

Colega diz que a Ingrithy (Caixeira nova) parece muito com ela, no sentido de saber o que quer. “Não tenho dúvida que com essa vontade e determinação ela será futuramente uma Caixeira de sucesso” (Silva, 2015). Ingrithy só tem 13 anos, porém, já possui uma determinação invejável que a faz uma menina Caixeira com espírito de pertencimento da festa do Divino.

4.2 Anica

Ana Benedita Ferreira, nasceu em 27 de julho de 1928, e tem como profissão o trato com a terra, de onde extrai o sustento para sobreviver. Desde quando era criança, acompanhava a sua mãe, que era Caixeira na festa do Divino. O toque da caixa, bem como tudo que envolvia a festa, lhe fascinou e a levou a desempenhar a função de Caixeira. Referindo-se à essa condição ela é enfática “É uma beleza, uma maravilha ser Caixeira, largarei só quando eu tiver arrastando a boca no chão, ou quando morrer” (FERREIRA, 2015). Relembra ainda que, na época que era criança, acompanhava os festejos: “quando chegava em casa, eu batia nas latinhas imitando os toques das caixas que minha mãe fazia”. Hoje, sua participação no festejo já é pouca por conta da saúde que não é boa. Ela apenas acompanha o festejo, sem contudo, tocar caixa.

4.3 D. Irene de Jesus

Uma da Caixeira mais antiga do festejo de “Santa Tereza” no Itamatatiua⁹, D. Irene, nasceu em 1959, mas teve sua identidade tirada, equivocadamente com a data de 1952. Irene conta que, quando criança, já participava como Banseirinha da festa no povoado de Itamatatiua, e segundo ela, é dessa forma que todas as meninas começam. D. Irene, aos 16 anos, de tanto ouvir os toques que as Caixeiros executavam, decidiu exercer a função de Caixeira. Ela comenta que, desde quando era Banseirinha, sempre treinava os toques na caixa pensando em um dia ser Caixeira. Paralelo à condição de Caixeira D. Irene também desempenhava a função de professora na comunidade de Itamatatiua. A mais ou menos 5 anos atrás, ela foi convidada a fazer parte do corpo de Caixeiros do Divino Espírito Santo de Alcântara, convite feito por uma festeira que queria ter em sua festa um grupo especial de Caixeiros.

Na década de 1990, eu tive uma convivência mais próxima com algumas Caixeiros e pude perceber que o aprendizado é estimulado entre os próprios familiares e o ensinamento se dá pelo processo de imitação. Como bem coloca Alvarez e Iriarte (1991), é no seio da família que ocorre o despertar para muitas atividades, entre elas, eu posso citar, “ser Caixeira”.

⁹ povoado localizado ao norte da cidade de Alcântara, com distância aproximadamente 60 km.

- a) Família é um contexto singular e exclusivo de formação, onde operam mecanismos próprios de socialização, em que atitudes, hábitos de trabalho, esforços, concepções de identidade, juízo moral e valores podem ser identificados e definidos a partir do convívio com pais, avós, irmãos e outras pessoas afetivamente próximas:
- b) Família é um meio de múltiplas aprendizagens, além das aprendizagens musicais, que acontecem a partir das interações entre os seus membros;
- c) a aprendizagem e formação musical familiar se dá pela prática musical em um contexto amplo de práticas e experiências individuais e coletivas, relacionadas a diversas habilidades e domínios, inclusive o domínio musical (ALVAREZ; IRIARTE, apud Gomes, 2008 pag. 2).

Ao se referir do seu interesse e aprendizado no toque da caixa, Marlene assim se refere:

A família é muito importante. Eu, que acompanhava minha mãe nas festas, ficava de olho nos toques que ela tocava. Nas batidas da caixa, nas músicas que ela cantava. Eu tentava imitar tudo que ela fazia no festejo. Quando chegava em casa, eu pegava uma lata e imitava os toques que minha mãe tocava. Isso tudo por amor ao Divino, muita vontade de ser Caixeira, como minha mãezinha que já se foi (MARLENE, 2015).

5 AS CAIXEIRAS E O PROCESSO DE APRENDIZAGEM

O processo de aprendizagem das Caixeiras e Banseirinhas se dava e, até hoje, se dá da mesma forma, ou seja, através dos processos de observação, apreensão e reprodução. Nos vários momentos da festa, quando as Caixeiras executam os toques em louvor ao Divino como por exemplo: no cortejo, nas saídas com a finalidade de angariar recursos para a efetivação das festas, nas saudações ao Imperador, é que os aprendizes de Caixeiras entram em contato com as várias formas de toques, danças e cantos que compõem o festejo do Divino.

O fator desencadeador do aprendizado para tornar-se Caixeira é a observação/percepção. O processo de observação exige do aprendiz a capacidade de se concentrar. Focar naquilo que quer aprender, direcionando toda a sua atenção para a técnica de como se faz. A aprendiz de Caixeira deverá observar repetidas vezes, focando sua atenção no desempenho das Caixeiras mais antigas, na articulação, enquanto estímulo, e a resposta conseguida. A observação leva a aprendiz a diferenciar as várias formas de executar a caixa, o ponto de articulação que gera a melhor sonoridade, a afinação e o resultado conseguido a partir dela. Deverá também observar a maneira como a baqueta é segurada para gerar uma melhor articulação e conseqüentemente um melhor resultado sonoro. Feito esse trabalho de observação em relação ao toque da caixa, a aprendiz deverá em seguida direcionar o seu foco para o canto. Aprender a cantar é de fundamental importância para quem quer se tornar Caixeira, pois como já mencionado por Silva, a Caixeira que não canta é uma Caixeira menor.

No que tange ao canto, a aprendiz deverá decorar as poesias cantadas a serem desempenhadas durante todo o ritual do Divino. Durante a prática, normalmente, a aprendiz de Caixeira inicia imitando a forma de tocar das Caixeiras mais antigas. Somente depois de ter conseguido a destreza necessária ao bom desempenho é que ela partirá para articular o toque da caixa com o canto. Após conseguir tocar e cantar, a aprendiz se voltará para o último estágio que é a junção do tocar, cantar e dançar. Todos esses processos estão nitidamente vinculados com a prática do aprendizado por imitação. Olha-se, Ouve-se e Reproduz o que foi visto e ouvido. Em todo o percurso do aprendizado, as aspirantes a Caixeira são acompanhadas pelas Caixeiras mais antigas, que funcionam como instrutoras. As

Caixeiras mais antigas, além do respeito que adquiriram pela destreza conseguida na arte de tocar caixa, são reverenciadas por serem caudatárias do conhecimento sobre a festa do Divino.

A parte mais difícil porque é hora da prática, imitar de tudo que a nova Caixeira observou durante toda festa. Onde os toques foram passados pelas antigas Caixeiras. No momento de prática se deve lembrar de tudo que viu, ouviu, observou. Os detalhes de como as Caixeiras antigas faziam para a execução e imitar em todos os gestos. Na forma de cantar e aprender as músicas, que para ser Caixeira 'compreta' tem que cantar. Uma verdadeira Caixeira não só tem que saber tocar, mas que tem por obrigação também de dançar: A Caixeira colega tem que praticar, senão fica uma Caixeira só para tocar, assim não dá, não fica uma Caixeira 'compreta'. Para ser 'compreta' tem que 'cantá' e 'tocá' (SILVA, 2015).

No processo de aprendizado das aspirantes à Caixeira, a observação e a imitação são os métodos básicos. Marlene reforça essa afirmação quando afirma que:

Desde criança observei minha mãe a executar toques de caixas e comecei a perceber as variadas formas das diferentes batidas. Hoje, mesmo não vivendo unicamente desse ofício, porque a condição não dá, agradeço tudo à minha mãe, que me levou a exercer com muito prazer tão sonhada função (SILVA, 2015).

Mantendo a tradição de iniciar como Bandeirinha na festa, Silva menciona que ela mesma com 12 anos de idade começou ativamente como Bandeirinha da festa, no entanto, ficou nessa função só um ano. Depois, foi logo promovida a Caixeira, pois como vivia muito próxima das Caixeiras e nunca deixava de ouvir os toques, que segundo ela, não saíam de sua cabeça, e como a vontade de ser Caixeira só crescia, foi relativamente fácil enfrentar essa nova posição nos festejos.

Nos intervalos de cada visita na casa de festa, enquanto as Caixeiras se distanciavam, eu e outras apoderávamo-nos das caixas e treinávamos como se nós fôssemos as próprias Caixeiras. Claro que, em alguns momentos, algumas Caixeiras antigas ouviam e nos orientávamos, outros não. Com essa insistência, eu, já no próximo ano, comecei a realizar o meu grande sonho, ser Caixeira do Divino Espírito Santo em Alcântara (SILVA, 2015).

Hoje, com 70 anos de idade e com a saúde bastante debilitada, "Marlene" priva-se de vários afazeres de sua vida pessoal, para dedicar-se ainda mais ao Divino. Marlene abre o seu coração dizendo que: "às vezes, fico triste, porque sou muito cobrada pelos Mestres Salas que querem mandar demais, chamando a mim e minhas colegas de trabalho de preguiçosas".

Marlene queixa-se que, mesmo após tanto tempo e com tanta dedicação à festa, não é reconhecida pela população como a artista que é. Sempre se dedicou a fazer o que está a seu alcance para que o Divino seja glorificado.

Nós só temos valor no período do festejo, depois que passa ninguém olha para nós. A vida não é fácil colega, hoje, pra gente ter as coisas, temos que quase mendigar. Tanto tempo que a gente é Caixeira e só agora que eu tenho minha casa. Não foi fácil, colega, conseguir construir, desde a muito tempo me cadastrei no projeto prá ter minha casa e só agora com muito sacrifício estou morando nela. Tu pode ver colega a minha casa falta outras coisas mas tô deBaixo dela graças a Deus. Se a gente fosse depender das pessoas ou só do governo nunca, colega, a gente ia ter nossa casa. Sou aposentada, mas não dá pra nada. Tenho problema de saúde e o dinheiro que recebo vai todo embora com remédios e comida, não dá pra muita coisa porque é muito pouco e as coisas estão muito caras o que a gente vai comprar. A gente recebe ajuda quando agente toca. Péricles Rocha nos ajuda, mas é pouco ele já dá esse pra gente não é dever dele, mas ele dá né. Nós nunca vamos dizer não, porque tá dando de coração (SILVA, 2015).

Marlene explica através de um exemplo como o aprendizado poderia se dá:

Quando ía assim uma coleguinha, como minha neta trouxe uma coleguinha, né, tá aí, elas também se interessavam, achavam bonito, queria, aí, quando elas não entendiam, as Caixeiras levantavam, as Caixeiras adultas, iam dançar porque tinha aquela parte de orquestra, uma parte de batucada que aqui a gente chama de pagode, né. Aí, eles tinham a hora do pagode que lá era batucada, é o mesmo pagode daqui, aí tinha essa parte e elas iam dançar e o trono ficava sem ninguém. Eu pegava e ia tocar com minhas coleguinhas, ia ensinar, mas na hora que elas não aprendiam, cansava de ver a festa comigo e não gravava aquilo me dava um nervoso. Se vocês errarem agora, eu já ensinei, porque às vezes eu cantava junto com elas bem baixinho, nisso elas não entendiam e erravam, eu falava: eu vou dar com a vaqueta na cabeça (SILVA, 2015).

Antônio de Color, artesão construtor das caixas do Divino advoga que o aprendizado, normalmente, ocorre no seio da família:

A prática musical se deu através de convívio com familiares, parentes próximos que de certa forma contribuiu para o amadurecimento das Caixeiras de hoje que ainda restam. Partindo desse pressuposto, esse convívio fez com que essas mulheres se dedicassem quase que inteiramente a esse ofício de Caixeira. Além disso, elas participam de encontros entre outras festas realizadas em São Luís – MA, que melhorando ainda mais o desempenho com tal. Ao longo desses anos, muitas delas já não estão mais entre nós, por isso, a necessidade de substituição e inserção de novas Caixeiras é de primordial importância (TAVARES, 2016).

Ferretti (2005) faz alusão ao processo de intercâmbio e principalmente ao conhecimento empírico: Os conhecimentos adquiridos com familiares, pessoas próximas em intercâmbio cultural com outras Caixeiras em outras festas do Divino lhes deram toda bagagem instrumental para um bom desempenho musical. Com todo esse conhecimento empírico adquirido, elas hoje conseguem conduzir todo processo de: toque dança e canto, completando o ciclo de que Caixeira tem que ter todas as características (FERRETTI, 2005).

5.1 O aprendizado pela oralidade

Ainda quanto a maioria dos humanos não sabia nem ler nem escrever, o meio de transmissão de conhecimento - Ensino/Aprendizado - se dava pelos princípios da oralidade. A tradição oral tem sido hoje bastante aceita pela Academia, pois esta reconhece que muitos dos conhecimentos não chegam às bibliotecas e não podemos deixar de considerar que os povos subjugados escondem do seu subjugador muitos dos seus saberes. Assim, quase todo o conhecimento advindo da cultura popular chega ao nosso conhecimento pela tradição oral. No caso específico da festa do Divino Espírito Santo não seria diferente, pois apesar de ter sua origem na aristocracia portuguesa ela foi disseminada e mantida por povos subjugados.

A oralidade é meio de comunicação - uso da voz humana - para a transmissão do conhecimento, da tradição, dos saberes dos povos mais humildes. Na oralidade, o estudado passa a ser o ator principal. Ele nos conta sua história, da história dos seus antepassados, de fatos e mitos que mantêm sua visão de mundo e de vida. Não obstante, haver alguns escritos sobre a Festa do Divino, esses escritos foram cunhados a partir de entrevistas com os protagonistas da festa, o mesmo método que eu segui para concretizar este trabalho.

No livro “Memória de Velhos” é relatada uma pesquisa tendo como base do trabalho a oralidade. Dependendo do que se quer pesquisar, a forma oral é a maneira mais prática de se obter os resultados buscados. Na pesquisa do autor, ele colhe informações sobre a vida de senhores que viveram intensamente a cultura popular de Alcântara, e que, de forma oral, puderam relatar como, quando e a importância dessa vivência para suas vidas (MONTENEGRO, 1997).

Hoje, temos muitas pesquisas desenvolvidas através da oralidade. Essa forma é usada quando o instrutor não usa livros teóricos para didaticamente passar esse conhecimento. Na música, a transmissão do conhecimento por imitação e oralidade é bastante usual, pois muitos alunos preferem essa forma de ensino ao ensino baseado na teoria musical, que para eles, é enfadonho.

O ensino/aprendizado das Caixas do Divino Espírito Santo está calcado quase que exclusivamente no processo da oralidade e imitação. Fala-se das

Caixeiras, no entanto, essa função pode ser exercida por homens, pois mesmo que a função de Caixeira seja exercida quase que exclusivamente por mulheres, homens também podem exercer essa função, embora seja muito raro. Não obstante, as Caixeiras estarem vinculadas ao ritual festivo do Divino, elas também desempenham o papel de consolador na hora da morte, enquanto foliões da Divindade, que conduzem as belíssimas cerimônias de encomendas de almas (BARBOSA, 2006).



Foto – 9 As Caixeiras em oficina na praça da matriz.

Fonte: José Flávio Ferreira Pinheiro

Barbosa (2006) refere-se às Caixeiras como guardiãs e responsáveis pelas cerimônias de homenagem ao Divino. No festejo de Alcântara não se tem registro de homens conduzindo caixas em louvor ao Divino. Sempre coube às Caixeiras, ao longo de todos os anos, a manutenção de todo esse trabalho que remete à fé e a devoção. As irmãs “Marlene e Anica” são detentora de amplo conhecimento sobre tal prática. O Divino guarda uma tradição ritualística, no entanto, como toda prática de origem popular e coletiva é permeável, podendo permitir a improvisação e a criatividade individual.

Ferretti (2005, p. 1) refere-se às Caixeiras como o elemento principal da festa do Divino:

As Caixeiras constituem elemento imprescindível e típico da festa do Divino no Maranhão. São senhoras idosas com o encargo de tocar caixas e entoar cânticos, repetidos de cor ou improvisados, em louvor ao Divino Espírito Santo. Costumam fazer isso por promessa ao longo da vida e vinculam-se a um grupo de seis a dez ou mais pessoas, que anualmente toca em diversas casas, sob a liderança da Caixeira régia, ajudada pela Caixeira mor. Normalmente as Caixeiras não recebem remuneração, mas são muito valorizadas. Recebem alimentos, algum dinheiro para transporte, vestimentas iguais em algumas festas e são agradadas com presentes e mantimentos. Além de tocar e cantar, elas Dançam com as bandeiras diante do trono e do mastro (FERRETTI, 2005, pág. 1).

Barbosa (2006) afirma que tanto o conhecimento musical quanto o ritual das Caixeiras extrapolam a festa. Elas constroem relações sociais e engendram uma irmandade de Caixeiras. Nessa irmandade, informalmente constituída, há um código de conduta e exigências do conhecimento que, para elas, é claro, difundido e respeitado. (Barbosa, 2006).

Já no fim do séc. XIX, mais precisamente em 11 de maio de 1882, no Jornal o Estado do Maranhão, um cronista de nome Servácio, faz um pequeno relato sobre sua visita à festa em Alcântara e nele, enfatiza a presença das Caixeiras, aos quais se refere como de forma romântica, como podemos notar na nota aBaixo transcrita:

[...] é desolador o espetáculo que apresenta aquela cidade com seus templos em ruínas, e só conhecidos como bons, pelas formas exteriores. Na edificação ordinária, grandes desfalques por terem se arrasado também grande número de casas, muitas abandonadas, algumas em véspera de desmoronamento e para agradar a vista desse espetáculo, andavam já pelas ruas as Caixeiras da festa, ou grupos de mulheres lampeiramente vestidas, rufando em caixas, num tom monótono e triste, ao som de canto sentimental como se cantassem as ruínas de Tróia ou se avisasse à memória dos visitantes, o finito das coisas desse mundo! São as mordomas que percorrem as ruas em visitas, entrando em casa onde estão eretos altares, e perante as quais fazem um bailado fetichista, com requebros e maneios de bandeiras confiadas a duas pequenas a que vêm já apontando os seios, e faz vênias a um personagem vestidas em trajes de cor ali sentada em que se brilham ouropéis, dando ideia de uma entidade inviolável em sua poltrona espaldar, uma espécie de príncipe da casa de Sabat a receber os emboras da turba (SERVÁCIO apud BARBOSA, 2006, pág. 60-61).

O texto anterior relata como se dá o festejo, e afirma que a festa não tem como ser realizada sem a presença das Caixeiras. Diz também da experiência adquirida ao longo do tempo de vida e de entrega das mesmas para com o Divino. Comenta também de como elas se tornaram Caixeiras do Divino Espírito Santo. Expõe que, desde criança, as mesmas ouviam e acompanham os familiares nos festejos, por isso, tanta dedicação em aprender tudo que diz respeito ao Divino.

Francis Bacon (2002) em sua afirmação: “Nec manus, nisi intellectus sibi permissus, multum valente: instrumentis et auxiliibus res perficitur”, [a mão é a inteligência humana, privadas dos instrumentos necessários e dos auxiliares, permanecem impotentes: inversamente, o que reforça seu poder são os instrumentos e os auxiliares oferecidos pela cultura]. Aqui vê-se claramente que a interação social que acontece entre os mais jovens e os mais velhos, mesmo no seio da família é de crucial importância para a transmissão do conhecimento. No caso específico do aprendizado das Caixeiros a afirmação de Bacon se mostra concreta (COLTRI e RUBIO, 2013).

Mesmo que a Caixeira tenha uma trajetória de sucesso, ela não consegue recursos econômicos suficientes que lhe permitam exercer apenas a profissão de Caixeira, tendo que buscar em outras profissões os recursos para sobreviver.

Silva reforça o argumento de que as Caixeiros não podem viver do trabalho de Caixeira.

As Caixeiros além de viverem essa tarefa de servirem ao festejo, também dividiam seu tempo para ganhar a vida e alimentar suas famílias. Todas trabalhavam nas casas de famílias como domésticas, e também faziam de tudo para dar de melhor aos seus filhos (SILVA, 2015).

5.2 O canto

A voz, em toda a história do homem, é tida como o instrumento musical que permitia o contato do homem com as forças da natureza.

O primitivo cria pela voz e pelo canto, ajudados pelo do gesto e pela dança. A música envolve toda a sua vida. E por essa linguagem mágica ele ‘participa’ do espetáculo cósmico. Pelo canto mágico, ele se comunica com as suas divindades e age sobre os homens, os animais, a natureza, enfim (RAMOS, 2007, pág. 103).

Não é de se estranhar que o canto ao divino seja uma espécie de canto mágico e portanto devendo ser emitido pela Caixeira que, de certa forma funciona como uma espécie de xamã no contexto do festejo. Por isso, a Caixeira que não canta, ou não conhece os cantos mágicos, ou não está habilitada a entoá-los, tornando-se uma Caixeira menor, com a função meramente de coadjuvância. Barbosa (2006) faz uma menção de que a grande maioria das Caixeiros é proveniente do segmento social descendente dos escravos. Referindo-se ao processo de subjugação dos povos e os mecanismos que eles usam para sobreviverem, Padilha assim assevera:

A história registra que o negro, desde a época da escravatura, sempre lutou contra o sofrimento impingido pelo colonizador. Em uma tentativa de fugir cada vez mais desse sofrimento, buscou na ação artística (fazer parte de bandas de música, animando as procissões) um alento, mesmo que se mantivesse duplamente submisso às organizações dos brancos. A maioria dos povos subjugados usa a música como um elemento que pode promover o entretenimento do corpo e da mente levando a um afastamento da tensão e da dureza da vida cotidiana, fazendo-os esquecer dessa condição e nem que seja por poucos minutos alcançar relativa liberdade (PADILHA, 2015).

O caso das Caixeiras do Divino é uma situação emblemática, pois a maioria delas são proveniente da etnia africana e enquanto Caixeiras poderiam entreter o corpo e a alma, visto que o ritual de tocar caixa se reveste em uma atividade também religiosa. Tinhorão menciona que: As irmandades e confrarias da época incluíam os negros como membros para aumentar o número de pessoas a elas vinculadas, e ainda ganhavam instrumentistas, neste caso os negros, que tocavam tanto nas festas de santos quanto nas procissões a elas vinculadas (TINHORÃO, 1928). O autor defende a ideia de que o negro é detentor de uma aptidão nata para tocar instrumentos percussivos, e atribui a essa etnia um talento musical considerável. Como já foi dito, após a derrocada econômica de Alcântara, os escravos partiram para o campesinato e embrenharam-se na zona rural. Assim, muitas dessas escravas tornaram-se Caixeiras. Moacir, ao lembrar da configuração do festejo nas últimas décadas do séc. XX, relembra a importância das Caixeiras que provinham da zona rural.

Temos Caixeiras vindas da zona rural para se unir às outras. Não são suficientes as que aqui existem. Cada festeiro tem que dispor de um número de Caixeiras, por isso, é necessário a vinda das mesmas. Sem falar que, cada Caixeira é acompanhada de uma Banseirinha, as duas fazem par, e na chegada do cortejo na casa da festa, elas fazem um ritual de apresentação diante do altar. No cortejo, as Caixeiras têm o seu momento de acompanhar com toques das caixas e músicas que enaltece o “Divino”, Com letras simples e às vezes muito triste (AMORIM, 2015).

Silva faz coro com Amorim e faz um relato sobre o desempenho das Caixeiras diante de vários momentos da festa, nos mesmos moldes que ele:

Para cada ação há um toque diferente da caixa. Por exemplo: se vai almoçar, no cortejo pelas ruas, no levantamento do mastro, levar os Mordomos à Igreja, para esmolar, entregar comida aos pobres, subida dos bois para cada festeiro e etc.... O interessante é capacidade musical de fazerem vozes em terças, quintas e oitavas sem ter nenhum estudo de música regular, com tudo, aprendido na convivência com outras que tinham essa mesma capacidade musical. As músicas cantadas com os toques das caixas vão criando as letras e melodias na hora, elas pensam em algo, e criam fazendo os versos. Na quinta feira de ascensão, pela tarde, as Caixeiras saem da casa do império para fazerem as prisões dos festeiros

que estão hierarquicamente abaixo do 'Imperador ou Imperatriz', primeiro entra na casa do "Mordomo Régio", quando chega lá, elas começam a cantar que o Mordomo Régio, '**ela (e) vai pro pau**' Mastro (tronco de madeira). Então elas repetem essa frase inúmeras vezes cantando e tocando suas caixas. Elas vão a todas as casas repetindo o mesmo canto, e pra todos os Mordomos da festa. As músicas, muitas delas são tiradas pelas Caixeiras que improvisam e criam melodias só nos toques das caixas. (SILVA, 2015).

Parece um paradoxo a situação vivida pelas Caixeiras, pois, mesmo vivendo em um relativo estado de pobreza, essa pobreza não os impede de vivenciarem uma relação mística de êxtase. Quando elas estão tocando caixa, é como se essa vida de dificuldade, às vezes extrema, não existisse. As Caixeiras ao tocar, têm uma energia tão profunda que a felicidade nesse momento toma conta de suas almas, é como se ferir e não sentir dor. Assim parecem viver, quando estão tocando e cantando ao Divino.

5.3 O processo de imitação

A imitação é, talvez, a primeira forma de transmissão de experiência do homem. Ela é usada no processo de aprendizado em qualquer área de conhecimento que desejamos atuar. Nesse processo a observação é o primeiro passo, seguido da ação, de quem observa, de reproduzir o que observou. Esse é o caminho a ser seguido para que se adquira um desempenho e uma técnica de atuação cada vez mais melhorada. Tem-se observado que nos dias atuais, algumas escolas e outras instituições adotam esse modo de aprendizagem. O processo de imitação é muito usado entre profissionais que desempenham atividades práticas, que não carecem de um raciocínio e conceitos complexos. Nesse processo, as pessoas que trabalham de forma intuitiva e, normalmente, sem uma organização metodológica organizada, se dão bem. Torna-se fácil, quando as pessoas têm vontade própria e determinação para aprender, usar a imitação, pois a prática focada dará ao aprendiz um conhecimento próprio e singular. Presume-se que o aprendizado das Caixeiras de Alcântara tenha se dado pelo processo de imitação, a partir das primeiras performances do festejo do Divino, quando chegou no Brasil, trazido pelos Portugueses.

Como Silva é considerada a Caixeira principal da Festa do Divino de Alcântara, fiz questão de ouvi-la atentamente e fazer as transcrições das músicas a partir de sua interpretação, pois ela é tida como a relíquia viva da festa, sendo muito procurada por qualquer pessoa que queira se inteirar sobre o Divino de Alcântara.

Na foto abaixo “Silva”, é a segunda da esquerda para direita



Foto - 10 As Caixeiras em procissão pela cidade no domingo de pentecostes.

Foto: Paulo Fernando

* Último domingo da festa quando é lido o pelouro na missa, que dirá quem serão os novos festeiros do ano seguinte.



Foto - 11 As Caixeiras tocando em uma das casas de festa na quinta feira da Ascensão, quando as mesmas vestem-se de branco.

Fonte: Paulo Fernando.



*Quinta feira da Ascensão onde todos os envolvidos estão vestidos de branco.

Foto - 12 As Caixeiras em procissão após a missa na Igreja do Carmo

Fonte: Paulo Fernando

A Caixeira Silva colaboradora neste trabalho é a segunda da direita para a esquerda

Músicas cantadas pelas Caixeiras durante ritual

“Ajoelhei meu Deus”

Eu fui no céu jogar com Deus

(Ajoelhei meu Deus)

Aí na mesa da comunhão (ajoelhei

Meu Deus, ajoelhei)

Aí Deus ganhou a minha alma

Ajoelhei meu Deus)

Ah eu ganhei a salvação (ajoelhei me Deus, ajoelhei)

“Não saio sem me benzer”

Refrão

Quando eu saio lá de casa

Não saio sem me benzer

A Chama Santa por seu nome

E nada há de acontecer

Alegrai-me mãe de Deus

Que já é chegada a hora

De vós subires ao céu

Seres rainha na glória

Aí eu bem estava esperando
Aí com prazer e alegria
Aí entremos gente entremo
Aí com Deus e a Virgem Maria

Refrão

Quando eu saio lá de casa
Não saio sem me benzer
A Chama Santa por seu nome
E nada há de acontecer

Versos das Caixeiras de Alcântara – esmolando pelas ruas da cidade.

Quem me mandou eu cantar
Pensando que eu não sabia
Eu não sou uma cigarra
Que quando canta assubia.

Quem me mandou eu cantar
Mas não deu o meu sustento
Eu não sou camaleão
Que come folha engole vento

Você me mandou cantar
Porque você não cantou

Eu não sou uma cigarra
Que de cantar se arrebitou

Deixa-me cantar agora
Que ainda hoje não cantei
Deixa eu ver se a minha voz
Inda está como eu deixei

Quando eu era pequenino
Minha voz arretinha
Eu cantava em cajueiro
Em Alcântara se ouvia

Os olhos que está chorando
Coração tá pesaroso
Ai, não chora meu bem, não chora
Isto passa por nós todos

(Margarida Raimunda de Araújo (Maio, 2005)

Cantiga – Toca a caixa minhas Caixeiras (Música cantada pela Caixeira Silva em uma entrevista 2007)

Toca caixa minhas Caixeiras
Ora ê êaiáa
Que são horas de salvar (bis)
Quando eu tô mais Anica
Ora ê êaiáa
Que Anica tá mais eu (bis)

Refrão

Encosta costa com costa

Ora ê êaiáa

Com nossa vida só Deus (bis)

Refrão

Deus nos dê muito bom dia

Bom dia eu venho dar

Dê bom Espírito Santo

No lugar aonde está

Eu quero assubir ao céu

Pela fita da bandeira

Eu quero tomar a benção

Pra nosso pai verdadeiro

De correr venho cansada

De cansada me sentei

Paro em frente ao altar

Para o Divino se assentar

Santa Crôa saiu de Alcântara

Cansadinha de avoar

Na casa dessa senhora

Ela veio se agasalhar

Os versos acima refletem no cotidiano das Caixeiras, dessa forma, que as mesmas no dia – dia se expressam, sendo originalmente natural em seus versos que viram músicas do Divino. A forma de interpretação das mesmas vira uma

maneira característica única e própria delas. A propriedade de criação das Caixeiras vai além de versos e palavras, a entrega de sua própria vida ao festejo dá a elas o dom de toda essa criação e sentimentos vividos para o Divino Espírito Santo em Alcântara.

Os versos de uma festa apresentam-se diferentes de outra. Segundo Barbosa, sempre se faz comparações de uma festa com outra. Na festa apresentada na casa de mina em São Luís mostra-se diferente da festa celebrada em Alcântara. Em São Luís, as Caixeiras sentam em forma de meia lua de frente para o altar ou tribuna, em Alcântara, elas fazem a formação de um quadrado e seguem o ritual de celebração tocando suas caixas e dançando com as Bandeirinhas, mantendo sempre o mesmo ritual quando chegam em todas as casas de festa.

ALGUNS TOQUES DA CAIXA DO DIVINO

Sobre os diferentes toques executados no Festejo do Divino, Marlene relata que, cada toque, que é executado durante o festejo, tem função e significado próprio. O toque da “Alvorada”, serve para vários atos como por exemplo: prisão dos Mordomos, que são levados até o “mastro”. Nesse ritual, elas tocam, cantam e levam os Mordomos dizendo que “eles vão pro pau”, canção que é repetida o todo o tempo da caminhada. Outra canção, que está relacionada à prisão dos Mordomos e faz alusão aos passarinhos presos, é uma “alvorada” que fala dos passarinhos que estão presos. A medida que elas vão cantando, os festeiros vão ofertando prendas junto ao mastro para que sejam soltos, só conseguido a liberdade se pagar a prenda. (SILVA, 2015).

Alvorada para soltar os Mordomos – é uma canção com andamento lento com o acompanhamento de caixa, usando-se figuras musicais como: mínima, semínima e colcheias. A melodia também apresenta figuras lentas como mínima e semínima. A melodia no refrão é feita com as vozes em terças, às vezes abaixo e às vezes acima. É importante salientar que, as Caixeiras em determinadas músicas, desafinam, o que não importa para este trabalho. Outro tópico que se percebe é que

elas em certas não conseguem atingir a respiração necessária para executar a frase que a música exige.

“Verso Passarinho Preso”

(Bis) Passarinho que está preso, no galho do limoeiro

(Bis) Quem soltar meu passarinho, paga (pague) logo o meu dinheiro

(Bis) Passarinho que está preso, que está preso porque quer

(Bis) Quem sortar meu passarinho, pede a benção a São José

(Bis) Que pomba branca é aquela, na ponta daquele mastro

(Bis) É Divina Santa Croa, que avoou se pôs foi alta

Como o toque Alvorada serve para vários momentos, a execução desta Alvorada é usada pelas Caixeiras quando levar os Mordomos para a Igreja e depois para as suas casas. Toque característico que neste momento difere da batida e música do outro toque executado na prisão dos Mordomos como foi dito no capítulo acima. Tanto no primeiro como segundo toque, são várias Caixeiras tocando ao mesmo tempo. Dessa forma, quando as ouvimos na execução pensamos ter figuras musicais diferentes porém, é a simultaneidade das caixas ao tocar que nos dá essa impressão.

6 MÚSICAS DO DIVINO ESPECÍFICAS PARA CADA OCASIÃO EM PARTITURA

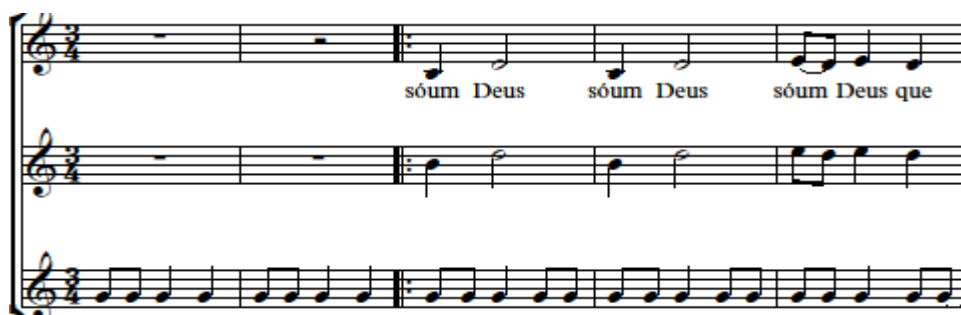
Da Música do Divino:

Silva assevera que alguns toques e canções são específicos de algumas ocasiões, enquanto outras não o são, chegando a ser inclusive tocados aleatoriamente. A música “Alvorada”, por exemplo, é um toque executado pelas Caixeiras para pedir licença quando chegam na casa da festa. Quando da chegada é apresentado um ritual, onde as Caixeiras dançam e são acompanhadas pelas meninas bandeireiras que balançam o mastro das bandeiras em uma espécie de saudação e pedido de licença para adentrar no recinto da festa. Nesse toque, as Caixeiras cantam letras pedindo licença para entrar, e agradecer quando já estão dentro do recinto. O toque da “Alvorada” é também executado no pé do mastro às 5h da manhã em uma espécie de ritual de saudação, pedindo as Caixeiras que tocam suas caixas:

A música “Só um Deus”, assim como a “Papai Miranda” são tocadas em qualquer momento da festa, inclusive nas alvoradas.

6.1 Só um Deus

“SÓ UM DEUS”



6

nos que criou aê ê meu Di vino es piri to san to on de vós ta va

11

me ti do ap a rece deum ano ao ou tro se ja bem apa re ci do

16

sóum Deus sóum Deus sóum Deus que nos que criou aê ê

6.2 Toca caixa minhas Caixeiras

Toca Caixa, minhas caixeiras

The musical score is written for Percussion and Soprano Solo. It is in 6/8 time and B-flat major. The lyrics are in Portuguese. The score is divided into two systems. The first system starts with a Percussion part and a Soprano Solo part. The second system continues the melody and includes a double bar line with a repeat sign. The lyrics are: 'To - ca cai-xa mi-nhas cai xei-ras o-ra', 'iê ê ——— ê ê ai a que são ho o- ra dê', 'ê sal-var á —', and '— que são ho o- ra dê ——— ê sal -var_ á To-ca'.

Percussion

Soprano Solo

5 To - ca cai-xa mi-nhas cai xei-ras o-ra

Perc.

S. Solo

9 iê ê ——— ê ê ai a que são ho o- ra dê ê sal-var á —

Perc.

S. Solo

— que são ho o- ra dê ——— ê sal -var_ á To-ca

Figura 1 – Toca Caixa, minha Caixeira.

Toca Caixa, minhas Caixeiras

Toca caixa minha Caixeira	} Refrão
Ora ê ê aiáa	
Que são horas de salvar (bis)	

Quando eu tô mais Anica

Ora ê ê aiáa

Que Anica ta mais eu (bis)

Refrão

Encosta costa com costa

Ora ê ê aiáa

Com nossa vida só Deus (bis)

Refrão

6.3 Ê papai Miranda

A música “Só um Deus”, assim como a “Papai Miranda” são tocadas em qualquer momento da festa.

Ê Papai Miranda

Voz

Ê pa - pai Ê pa-pai mi - ran - da Ê - pa - pai-eh pa-pai mi-

Percussão

Percussão

5

Voz

ran - da e - le é um mi-ran - dei - ro e - le é um mi-ran-

Perc.

Perc.

9

Voz

1. 2. dei - ro Ê pa - dei - ro De cor - rer eu ve-nho can

Perc.

Perc.

13

Voz

sa - do de cor - rer eu ve-nho can - sa - do de can - sa doeu mea-sen

Perc.

Perc.

17

Voz

tei de can - sa doeu mea-sen tei Ê pa -

Perc.

Perc.

“Vamos salvar os brasileiros” são executadas em qualquer momento da festa. Segundo Marlene, as execuções dessas canções não têm nenhum momento específico, a qualquer hora podem ser executadas.

6.4 Vamos salvar os brasileiros

Vamos Salvar os Brasileiros

Percussion 

Soprano Solo 

Va mos sal var os bra si lei_ros_a ê ê ê a_

6

Perc. 

S. Solo 

__ va mos sal var os bra si lei ros_a ê ê ê a__ meu di

11

Perc. 

S. Solo 

vi no es piri to a ê ê ê a__ co mo

15

Perc. 

S. Solo 

vós pas sou a noite_a ê ê ê a__

Diferentemente dessas músicas, a canção “Não saio sem me benzer” está vinculada ao momento de saída das Caixeiras para pedirem joias para a festa (figura 2). Como elas deslocavam-se para vários povoados e municípios

próximo, elas não tinham tempo certo para retornar e precisavam de proteção em suas caminhadas. Assim, elas faziam uma espécie de ritual de proteção, com o uso do benzimento que simbolizava a evocação do divino espírito santo para protegê-las.

6.5 Não saio sem me benzer

Não saio sem me benzer

Voz

Caixa

8

16

24

29

quan doeu sai-o la de ca a - sa ah não sai - o sem me ben zer

a cha-ma san-ta do meu no - me e na-da é dea - con-te-cer

quan-doeu sai-o la de ca a - sa ah não sai - o sem me ben zer

a cha-ma san-ta do meu no - me

ah na-da é dea con - te - cer quan doeu

Figura 2 – Música não sai sem me benzer.

Fonte: Domínio público

7 ETNOGRAFIA DOS INSTRUMENTOS

Os instrumentos utilizados no Festejo do Divino são as caixas. No entanto, em algumas atividades que envolvem a festa, como por exemplo: nas procissões e nos bailes são utilizados os instrumentos de sopro (sax, trompete, trombone, clarinetas e tuba), os de cordas (banjo e violão) e alguns instrumentos de percussão como a bateria, a caixa clara, o bumbo e os pratos.

A chegada desses instrumentos no Brasil remonta a época do descobrimento. Na carta de Pero Vaz de Caminha enviou ao Rei de Portugal contando a descoberta da nova terra, ele já menciona alguns instrumentos tocados pelos nativos bem como os trazidos pelos portugueses:

E, depois de acabada a missa, assentados nós à pregação, levantaram-se muitos deles, tangeram corno ou buzina, e começaram a saltar e dançar um pedaço [...]. Com isto se volveu Bartolomeu Dias ao Capitão; e viemo-nos às naus, a comer, tangendo gaitas e trombetas, sem lhes dar mais opressão. E eles tornaram-se a assentar na praia e assim por então ficaram (CAMINHA, 1500)¹⁰.

Antes mesmo da chegada da corte portuguesa ao Brasil em 1808, já havia atividade envolvendo instrumentos de sopro e percussão em nossa terra como na conta Francisco Augusto Pereira, em um registro feito em 1954:

No fim do século XVIII, o governador de Pernambuco de 1787 a 1798, Tomás José de Melo, teria criado nos regimentos milicianos do Recife e Olinda, bandas de música, assim como uma banda no terço auxiliar de Goiana - PE, em 1789. Cita ainda que na guarnição da Paraíba havia uma Banda militar na primeira década do século XIX [...] uma de um regimento de linha da guarnição da vizinha cidade da Paraíba, em 1809, constante de dois pífaros, um dos quais, Manuel de Vasconcelos Quaresma, era o Mestre, duas clarinetes, duas trompas, um fagote e um zabumba... (BANDA DE MÚSICA DA POLÍCIA MILITAR DE PERNAMBUCO, 2014, não paginado).

Sales (1985 apud FIDELES, 2016, não paginado) afirma que a formação de bandas de músicas no Brasil foi impulsionada pela chegada da corte portuguesa no Rio de Janeiro:

O grande impulso dado à formação das bandas militares no Brasil começou, como vimos, com a transmigração da corte portuguesa para o Rio de Janeiro. Mas a banda da Brigada Real trazida por D. João VI, em 1808, ainda era arcaica. Em Portugal, a banda de música começou a se

¹⁰ http://objdigital.bn.br/Acervo_Digital/livros_eletronicos/carta.pdf

modernizar somente em 1814, quando seus soldados regressaram da guerra peninsular, trazendo brilhantes bandas de música, onde predominavam executantes contratados, principalmente espanhóis e alemães [...]. A música militar claramente aparecida em bases orgânicas, na metrópole, em 1814, forneceria o modelo para a formação das bandas civis (SALES, 1985 apud FIDELES, 2016, não paginado).

A partir do momento que o rei D. João VI trouxe os músicos de Portugal para o Brasil ele propiciou um encontro de culturas, que interagiram e resultando em ações que levassem à compreensão de cada uma delas. Com o surgimento de bandas, teve início a chegada de novos instrumentos, que à altura, estavam sendo criados na Europa e integrados às orquestras portuguesas, como por exemplo: o sax saxofone, o Sousa fone, o trompete de pisto entre muitos.

No Maranhão, os primeiros registros sobre música e instrumentos musicais é o relato de que o Presidente da Província do Maranhão, Eduardo Olímpio Machado, determinou através da lei Nº 301, de 10 de novembro de 1851, a criação da cadeira de música na Casa dos Educandos Artífices - local criado para atender “moços desvalidos, de preferência os enjeitados, e dar-lhes instrução e primeiras letras e um ofício” (VIVEIROS, 1999, p. 15).

Marques (1870, p. 182) ao referir-se à inauguração da Igreja do Desterro ocorrida em 21 de novembro de 1869, menciona as apresentações de duas Bandas de Música.

Esse dia foi de muito contentamento para esse bairro: todas as casas achavam-se cheias de pessoas, que tinham vindo à festa, ouviam-se duas bandas de músicas no largo e nas casas particulares também haviam orquestras que executavam lindas composições (MARQUES, 1870, pag. 182).

Como vimos, os instrumentos de sopro foram integrados às Bandas de Músicas no Maranhão desde o século XIX, e os mesmos músicos que tocavam nas Bandas também formavam as orquestras de baile e grupos que acompanham às procissões, como acontece ainda nos dias de hoje. Seguido os passos das Bandas Militares, vieram as bandas civis, patrocinadas por empresários e políticos, e espalharam-se, a partir de São Luís, para outros municípios maranhenses, chegando inclusive à Alcântara, como foi citado pelos depoentes no capítulo IV.

A orquestra que atende as casas de festa do Divino de Alcântara é muito variada. Normalmente ela é composta por no máximo 5 músicos sendo: 1 trompete, 1 trombone, 1 saxofone, 1 Bumbo e uma caixa. Essa composição existe em cada

casa de festa conforme a quantidade de festeiro de cada ano. Se o festeiro tiver mais recursos, a orquestra pode ser composta por mais instrumentos, que além de gerar uma sonoridade mais expressiva, demonstra que o festeiro tem melhores condições de bancar a festa. O repertório tocado durante o período do festejo é variado. Cada ação tem sua música específica. Quando se vai buscar e levar a corte em casa ou na Igreja, o repertório é composto por músicas no estilo “dobrado”, musica conhecida como “passo doble”, em Espanha e é a música geralmente utilizada pelas bandas militares. Quando a música é destinada para a animação nas casas de festa, depois da chegada da visita, o repertório é constituído pelas músicas populares para dançar, incluindo-se aí todos os gêneros mais conhecidos, sendo destacado o baião, o forró, a valsa, o samba etc. É importante frisar que quando os músicos de sopro conduzem a corte até a Igreja não tocam no seu interior, papel que cabe apenas às Caixeiras. Os músicos de sopro ficam do lado de fora esperando terminar a missa para poder acompanhar novamente a corte de volta para suas casas (AMORIM, 2015). Há uma controversa sobre o fato dos músicos não tocarem no interior da igreja. Algumas pessoas, entre elas a Caixeira Marlene, atribui esse fato à preguiça dos músicos, enquanto outros acham que no interior da igreja fica melhor que somente as Caixeiras toquem.

7.1 Instrumentos de sopro usados por músicos na festa do Divino em Alcântara

Instrumentos de sopro: 2 a 3 Saxofones (Tenor, Alto), 2 a 3 Trombones (vara e piston), 2 a 3 Trompetes, 1 Best-tuba, Instrumentos de Percussão: Caixa e Bumbo (fotos 1 a 3).

MÚSICOS EM ATIVIDADE NA FESTA DO DIVINO EM ALCÂNTARA - MA



Foto 13 - Instrumentos de sopro usados na festa do divino em Alcântara

Fonte: José Flávio Ferreira Pinheiro



Foto 14 - Músico tocando o instrumento "Trombone de Vara"

Fonte: José Flávio Ferreira Pinheiro



Foto 15 - Músicos reunidos na casa de festa

Fonte: José Flávio Ferreira Pinheiro

7.2 A Caixa do Divino

Os toques da caixas executados na festa do Divino de Alcântara são diferentes dos executados em outras festas. A escrita desse tipo de instrumento é feito em uma única linha melódica. As Caixeiras tocam as caixas na posição quase que horizontal. A caixa é segurada por um lenço que é passado no ombro da Caixeira. As duas mãos seguram as baquetas, e os movimentos dos toques acompanham o canto e a dança. O andamento de execução do toque é lento. As figuras usadas para o registro dos toques são as mínimas, semínimas e colcheias. O andamento é lento, sendo que a semínima equivale a em uma velocidade de 45 a 60 batimentos por segundos, dependendo da música que estão a tocar. As caixas ressoam notas graves por ter uma afinação baixa (figura 1 e 2).



Foto - 17 caixas do Divino

Fonte: José Flávio Ferreira Pinheiro



Foto – 18 caixas dispostas em casa de festa

Fonte: José Flávio Ferreira Pinheiro

a) As caixas do Divino produzidas por Seu Antônio passo a passo.

Antônio do Livramento Boás Tavares, 67 anos, relata que mesmo antes de se tornar confeccionador de caixas, ele já exercia a função de Mestre Sala (quem acompanha a mordoma). Depois de tanto observar o Sr. Benedito, confeccionador de caixas do Divino, ele começou a imitá-lo e a fabricá-las. Hoje, é artesão, e atende as casas de festa perfazendo: altares “que acomoda o santo” confecciona as pombas que simbolizam o Divino, e manufatura santos para outras festas, além das caixas.

Seu Antônio diz que sempre foi um grande prazer fazer parte de uma manifestação cultural tão rica e muito bonita como a festa do Divino. Ele relata que seu pai queria que ele fosse carpinteiro, porém não queria que ele abraçasse uma profissão que lhe expusesse muito sol. Ai, ele foi ser marinheiro de um barco que fazia viagem de São Luís para Alcântara e vice e versa. Isso durou 5 anos. Não durando muito tempo, seu Antônio de tanto observar como fazia os trabalhos que envolvia a festa, se encantou. Depois dessas experiências que teve com a festa, não quis mais fazer outra coisa, a não ser atividades que envolviam o festejo do Divino.

Segundo Seu Antônio, a fabricação das caixas segue um processo que pode ser observado nas fotos 19 a 2.

- a) Primeiro se pega uma lata de tinta que seja de flandres que tem o formato quadrado;
- b) Desmonta-se e corta-se deixando-a em formato cilíndrico. São colocadas nas extremidades um círculo feito de madeira fina, normalmente de jenipapeiro que é uma madeira com elasticidade suficiente para ser dobrada sem quebrar.
- c) Após a colocação o círculo de madeira, as extremidades são cobertas com couro de cutia ou cabra ou bode ou de catitu¹¹. Essas peles, por serem mais finas, apresentam uma sonoridade melhor;
- d) Ao lado da caixa, tem um aparato de cordas que ligam os dois círculos colocados nas extremidades que ajudam na afinação.

¹¹ Catitu é uma espécie de porco do mato, encontrado na região.



Fotos 19 – Caixas antes do processo de fabricação

Fonte: José Flávio Ferreira Pinheiro

7.3 Caixas em seu processo de fabricação



Fotos 20 – Processo de fabricação das caixas do Divino

Fonte: José Flávio Ferreira Pinheiro



Foto – 21 caixas em casa de festa

Fonte: José Flávio Ferreira Pinheiro

Como vimos, as caixas utilizadas nos festejos do Divino são membranofones confeccionados a partir de folhas de flandres em formato cilíndrico, com aproximadamente 30 cm de altura por 40 cm de diâmetro, sendo as suas extremidades cobertas, normalmente, com couro de bode. A afinação é conseguida a partir de cordas laterais que são fixadas nas argolas ou chaves onde os couros são presos, quanto mais apertada, tem-se uma (alta afinação), quanto mais folgada tem-se uma (baixa afinação). Usualmente são pintadas de vermelho e branco ou de verde e branco. As caixas de cor “verde” simbolizam os Mordomos Régios (a), as de cor vermelha o Império, (Imperatriz ou Imperador). As Caixeiras as seguram com cintas de pano que são apoiadas nos ombros. Para se ter uma ideia da importância dada a essas caixas, elas são batizadas, possuindo inclusive padrinhos e, na ocasião, recebem um nome especial. Ferretti (2007) conta que em São Luís, há uma diferença no tratamento dispensado às Caixeiras:

Em São Luís, diferentemente do que constatamos em outros lugares, as caixas do Divino são tocadas exclusivamente pelas Caixeiras, que em alguns momentos executam dança complexa diante do mastro e do império, acompanhadas por meninas que seguram bandeiras, as bandeiras (FERRETTI, 2007, pág. 114).

Como vimos, as Caixeiras se constituem como o principal arcabouço da festa do Divino, pois sem elas não existe a festa.

8 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Após uns dois anos envolvido com a pesquisa sobre os festejos do Divino de Alcântara, consigo, hoje, compreender a razão de sua existência e de sua manutenção. A origem, que remonta a religiosidade de Isabel de Aragão, sua fé na solução do conflito existente entre o seu marido e seu filho, as visões míticas de Joaquim de Fiori, que buscava compreender o desenvolvimento da Igreja Católica e a fé inabalável dos protagonistas de uma festa, que se iniciou religiosa, mas que com o tempo passou a incorporar elementos de laser. No entanto, quando se conhecem os mitos de origem e conhece o percurso do festejo, duas coisas tornam-se evidentes:

- a) O quão o ser humano carece de mitos e quão religioso ele se torna no decorrer da vida;
- b) A necessidade da manutenção de uma tradição que o envolva e mostra um rumo para a compreensão de sua vida de dos seus antepassados.

Toda essa compreensão foi sendo organizada em minha mente com o passar dos dias, das reflexões, das conversas com os Mestres, notadamente das Caixeiras, que demonstram uma sabedoria invulgar, com as pessoas que, com o seu senso comum, nos faz ver o quão importante o Divino foi e é para eles.

Desconfiava de que as Caixeiras mantinham uma relação muito forte com o festejo, mas não mensurava o quanto isso era parte integrante de suas vidas, de seus modos de ver e escutar o mundo. Hoje, percebo uma relação forte existente entre o místico, o popular, o simbólico e a realidade. Percebi uma espécie de resultado de uma mistura quase que impossível de ser hoje desassociada entre o mítico, o simbólico e a realidade, quando se vive o Divino.

No que tange o aprendizado do toque das Caixeiras, eu também já tinha certa presunção de que tudo era feito na base da imitação. E comprovei que esse processo milenar ainda é a melhor forma de se aprender a tocar a caixa do divino. Como as Caixeiras não conhecem a linguagem musical, ou melhor, a metalinguagem – escrita musical – fica muito mais fácil para elas mostrarem a quem quer aprender a executar os toques das caixas, tocando e sendo imitadas.

Descortinei um pequeninho pedaço da história de Alcântara, o que me fez ter um respeito maior pela história do povo sofrido que habitou e do povo que ainda habita a cidade. Descobri o quanto a cidade e o município eram importantes para o estado do Maranhão no período colonial e vejo hoje que poderia ser, realmente, um importante centro tecnológico do país com a base de lançamento de foguetes aeroespaciais, mas que anda meio abandonada.

Andando pela cidade e entrevistando as pessoas, comprovei os quão orgulhosos são os cidadãos por conta da história, mas principalmente pela festa do Divino Espírito Santo. É o Divino o condão que enlaça todos os alcantarenses em um vetor comum. É durante a festa que todos se tornam um. É nesse momento que reverbera na cidade toda uma energia que, como uma nuvem, permanece sobre a cidade iluminando a mente e os corações dos alcantarenses na esperança de que o Divino Espírito Santo torne todos os humanos irmãos como pensou Joaquim de Fiori.

Quando iniciei o trabalho, já sabia de antemão, da dificuldade pelas quais passa a festa. A falta de recursos financeiros, o desinteresse das jovens em preservar a função de Caixeira, e a dificuldade das pessoas, que por conta da crise econômica que se acentua cada vez mais nos municípios maranhense, de fazerem doações substanciais. Apesar de todas essas dificuldades, a Festa se mantém viva. Talvez, não com o brilho de outrora, nem com a devoção existente em um passado remoto, mas se mantém viva, e isso é o que importa.

Posso afirmar que saí muito enriquecido com este trabalho, pois ele me obrigou a ser mais disciplinado, a buscar uma afirmação na minha condição de professor, pesquisador e principalmente a ser mais humilde, pois a convivência com pessoas humildes me fez ver o quanto elas são cheias de conhecimentos e sabedoria.

REFERÊNCIAS

ABEM – XVII Encontro. São Paulo. <http://www.youblisher.com/p/896901-Aprendizagem-e-formacao-musical-em-familia-possibilidades-metodologicas-da-Historia-Oral/>

ABREU, Martha Campos. **“O Império do Divino”**: festas religiosas e cultura popular no Rio de Janeiro, 1830 – 1909. 1996. Tese (Doutorado) – Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 1996.

ALMEIDA, Alfredo Wagner Berno de. **Os quilombolas e a base de lançamento de foguetes de Alcântara**: laudo antropológico. Brasília, DF: MM, 2006.

ALVAREZ, Benjamin; IRIARTE, Natalia. Família y aprendizaje: lecciones de la investigación reciente. **Educación Hoy**, Santa Fé, v. 1, n. 3, p. 19-34, jul./sep. 1991.

BANDA DE MÚSICA DA POLICIA MILITAR DE PERNAMBUCO. **Histórico**. Disponível em: <<https://bandademusicadapmpe.wordpress.com/sobre/>>. Acesso em: 10 set. 2016.

BARBOSA, Marise Glória. **No bater da minha caixa estou convidando as foliôa**. São Paulo: IPHAN MA, 2009.

_____. **Umas mulheres que dão no couro**. São Paulo: Empório de Produções e Comunicação, 2006.

BRANDÃO, Carlos Rodrigues. **O divino, o santo e a senhora**. Rio de Janeiro: MEC/FUNARTE, 1978.

BRASIL. Decreto nº 7.320, de 28 de setembro de 2010. Regulamenta a forma de habilitação e co-habilitação ao Regime Especial de Incentivos para o Desenvolvimento de Infraestrutura da Indústria Petrolífera nas Regiões Norte, Nordeste e Centro-Oeste - REPENEC, de que tratam os arts. 1º a 5º da Lei nº 12.249, de 11 de junho de 2010. Disponível em: <http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2007-2010/2010/Decreto/D7320.htm>. Acesso em: 15 set. 2016.

COLTRI, Edison Bonadio; RUBIO, Juliana de Alcântara Silveira. A importância do senso comum na construção dos conceitos químicos. **Revista Eletrônica Saberes da Educação**, v. 4, n. 1, p. 1-10, 2013.

COSTA, Karina Waleska Scanavino. **Tradição cultural e religiosa**: o caso da festa do Divino em Alcântara – MA. 2010. Mimeografado.

FERRETTI, Sérgio. **Festa do divino no Maranhão**. 2005. Disponível em: <<http://www.gpmma.ufma.br/pastas/doc/Festa%20do%20Divino%20no%20Maranhao.pdf>>. Acesso em: 10 set. 2015.

_____. **Sincretismo e religião na Festa do Divino**. Revista Antropológicas, v. 18, n. 2, p. 105-122, 2007.

FIDELES, Eduardo. **O sistema estadual de bandas de música do Ceará SEBAM/CE**: breve estudo de uma política pública para bandas de música no Ceará. Disponível em: <<http://meuartigo.brasilecola.uol.com.br/artes/o-sistema-estadual-bandas-musica-cearasebam-ce.htm>>. Acesso em: 15 fev. 2016.

GOMES, Celson Henrique Sousa. O Papel da educação musical em São Paulo.

INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA. **IBGE Cidades**: Maranhão: Alcântara. Disponível em: <<http://cidades.ibge.gov.br/xtras/perfil.php?codmun=210020>>. Acesso em: 15 set. 2015.

LEAL, João. **As festas do Espírito Santo nos açores**: um estudo de antropologia social. Lisboa: Dom Quixote, 1994.

LIMA, Carlos de. **A festa do Espírito Santo em Alcântara (MARANHÃO)**. 2. ed. Brasília, DF: Fundação Nacional Pró-Memória/grupo de Trabalho de Alcântara, 1988.

LIMA, Carlos de. **Vida, Paixão e Morte da cidade de Alcântara**: Maranhão. São Luís: Lithograf, 1997/1998.

LOPES, Antônio: Alcântara: subsídios para a história da cidade. Brasília, DF: MEC, 2004.

MARQUES, Cezar Augusto. **Diccionario histórico-geographico da Provincia do Maranhão**. [São Luis]: Typ. Frias, 1870.

MARTINS, Willian de Sousa. Abram alas a folia. **Revista História da Biblioteca Nacional**, Rio de Janeiro, n. 33, p. 34-39, jun. 2008.

MILHEIRO, Maria Manuela. A arte e a festa: o sagrado, o lúdico e o efêmero. **Cadernos do Noroeste**, v. 9, n. 2, p. 67-82, 1996.

MONTENEGRO, Antonio Torres (coordenador). **Memória de velhos**: depoimentos: uma contribuição à memória oral da cultura popular maranhense. São Luís: LITHOGRAF, 1997.

RAMOS, Arthur. **O Folclore negro no Brasil**: demos psicologia e psicanálise. 3. ed. São Paulo: WMF Martins Fontes, 2007.

ROSSATTO, Noeli Dutra. **El círculo trinitário**: la construcción del conocimiento y la historia em Joaquim de Fiore. 2000. Tese (Doutorado) - Univesitat de Barcelona, Barcelona, 2000.

SUMNER, William Graham. **Folkways**: estudo sociológico dos costumes. São Paulo: Martins Editora, 1950.

TINHORÃO, José Ramos. **Festa de negro em devoção de branco**: do carnaval na procissão ao teatro no círio. São Paulo: Editora da Unesp, 2012.

VIVEIROS, Jerônimo de. **Alcântara no seu passado econômico, social e político**. São Luís: AML/ALUMAR, 1999.

Site Consultados:

<http://www.youblisher.com/p/896901-Aprendizagem-e-formacao-musical-em-familia-possibilidades-metodologicas-da-Historia-Oral/>

Bacon, Francis - Novum Organum em

<http://www.ac-toulouse.fr/philosophie/textes/baconnovumorganum>

PESSOAS ENTREVISTADAS

Gil Eanes Fonseca Lobato, entrevistado em Alcântara, 25/10/2015.....	01
Marlene Silva “Caixeira mor”(a mais antiga em atividade) entrevistada em Alcântara, 27/09/2015	02
Ana Benedita Ferreira (Caixeira) em Alcântara, 23/08/2015	03
Karina Waleska Scanavino Costa, entrevistada em Alcântara, 22/10/2015.....	04
Ingrithy, (Caixeira nova) entrevistada em Alcântara, 23/09/2015.....	05
Irene de Jesus (Caixeira) entrevistada em Alcântara, 25/11/2014	06
Moacir Brito (coordenador geral da festa) entrevistado em Alcântara, 24/09/2014...	07
Antônio do Livramento Boás Tavares (artesão) entrevistado em Alcântara, 27/10/2014	08
Graça Cavalcante (filha de antigo músico da festa) entrevistada em Alcântara, 25/10/2015	09
José Ribamar Brito Pinheiro entrevistado em Alcântara, 23/08/2015	10
Malalael Moraes entrevistado em Alcântara, 11/05/2015.....	11
Antônio Padilha de Sales Padilha, entrevistado em São Luís, 22/12/2015	12

APÊNDICE A - AS CAIXEIRAS EM DESCANSO DEPOIS DAS ATIVIDADES EM UM ENCONTRO NA FESTA DO DIVINO EM ALCÂNTARA – MA

As fotos apresentadas abaixo pertencem ao acervo pessoal de José Flávio Ferreira Pinheiro



Ingrithy, a mais nova geração de Caixeiras que influenciará no futuro de outras.









